An abstract painting featuring a central, vertical, red and yellow form that resembles a stylized tree or a multi-lobed structure. The core of this form is filled with a complex, circular pattern of green and yellow. The background is a light, textured surface, possibly paper or canvas, with numerous dark, thin lines and splatters scattered across it, creating a sense of movement and depth.

afetos múltiplos

ARTE CONTEMPORÂNEA NA
COLEÇÃO EDUARDO VASCONCELOS

afetos múltiplos

ARTE CONTEMPORÂNEA NA
COLEÇÃO EDUARDO VASCONCELOS

Alberto Nicolau . Alexandre Sequeira . Antar Rohit . Armando Sobral . Berna Reale . Christina Machado . Danielle Fonseca . Dina Oliveira .
Dumas Seixas . Eduardo Kalif . Elaine Arruda . Elieni Tenório . Elisa Arruda . Elza Lima . Emanuel Franco . Emmanuel Nassar . Erinaldo Cirino .
Evna Moura . Flavya Mutran . Geraldo Teixeira . Guy Veloso . Haroldo Baleixe . Henrique Montagne . Igor Oliveira . Iza Girard . João Pinto .
Jocatos . Jorge Eiró . Lise Lobato . Luciano Oliveira . Luiz Braga . Marcone Moreira . Marinaldo Santos . Miguel Chikaoka . Mistral . Nina Matos .
Osmar Pinheiro . Pablo Mufarrej . Paula Sampaio . Paulo Azevedo . Pedro Cunha . Petchó Silveira . P.P. Conduru . Rafa Matheus Moreira .
Rao Godinho . Roberto de La Rocque Soares . Ronaldo Moraes Rêgo . Rosângela Britto . Ruma de Albuquerque . Ruy Meira . Sérgio Neiva .
Simões . Sinval Garcia . Tadeu Lobato . Valdir Sarubbi . Walda Marques . Walter Bandeira . Zoca

Curadoria de Vânia Leal

Galerias Benedito Nunes e Theodoro Braga
Belém-PA . 3 a 31 de dezembro de 2021

Conheci Eduardo quando fui curadora da exposição “Em Casa”, da artista Elisa Arruda. Fui recebê-lo na Galeria do Banco da Amazônia, para uma visita dialogada sobre a concepção curatorial e os núcleos das obras que estavam dispostas no espaço expositivo. No decorrer da conversa, alinhávamos pontos de reflexão nos quais imediatamente percebi a intimidade de Eduardo com a poética da artista. Ao final, Luiz Cláudio, que estava junto com Eduardo, me fez o convite para estar à frente da curadoria dos quatro anos da Revista Design.com.

Naquele momento (em março de 2020) o contexto era pós-lockdown. E no meio de tantas incertezas, porém, um desejo era certo: o de realizarmos conjuntamente uma exposição. Alguns meses depois nos reencontramos para retomar a ideia de fazer a curadoria da revista, que a priori seria com artistas convidados. Naquela instância, eu já tinha me dado conta da coleção de Eduardo. Foi quando sugeri que a exposição em comemoração aos oito anos da revista fosse com a Coleção Eduardo Vasconcelos, ideia aceita imediatamente por Luiz e Eduardo.

Ao fazer a primeira visita em seu apartamento, percebi que a coleção de Eduardo era, de fato, única. Todavia o que mais me chamou atenção foi a maneira como ela vinha sendo formada, junto aos artistas que ele conheceu, com as muitas visitas a ateliês e exposições. A primeira obra adquirida por Eduardo foi a pintura “Casa Coração”, do artista Jorge Eiró. Eduardo conta que a imagem do coração explodindo em vermelho-sangue arrebatou seu coração, como uma presa de sedução, como uma casa, iglu, cabana, aconchego de afetos. Só saiu da CasaCor Belém depois de ter adquirido a obra. Depois, pegou um ônibus e foi para casa.

Passamos a tarde revirando e verificando o acervo que convivem sem cerimônia nas salas, quartos, bibliotecas e todos os cantos de seu apartamento em Belém. O ambiente que acolhe a coleção é autêntico e traz vida para aquelas obras, afinal cada trabalho tem uma história para contar. Não existe afetação nem soberba de colecionador que naturalmente transforma sua casa em galeria, ou galeria casa. As obras pertencem àquele espaço de habitação, de convivência, de moradia, de celebração, de comunhão.

Em cada canto, objetos contemporâneos e peças primitivas misturam-se aos livros, CDs, e elementos decorativos sem as diferenciações de caixas de acrílicos e variados suportes. A casa galeria ou galeria casa é toda artística de cima abaixo. Tanto que é necessário estender o olhar para todas as direções. E foi nessa confluência de movimento que selecionei a instalação de Lise Lobato, que estava articulada na parte superior da casa. O espaço é convidativo para ficarmos nele sem perder o efeito de estranhar todos “aqueles” territórios vívidos que palpitam como a batida do coração, na qualidade de tempo de Kairós.

Trazer um recorte dessa coleção é um ato de liberdade pela arte. É, entretanto, a essência da arte e do artista, desde a modernidade do século 19, que tem a premissa de conseguir e assegurar a liberdade em relação à arte. Ressalto aqui como ponto de atenção: é o que deveria buscar o observador da arte, o amante da arte, como comumente se diz. Para esse, a liberdade diante da arte é ainda o mais desafiador devido às prisões artísticas — que se cristalizam antes mesmo que se decida olhar para a arte pela primeira vez — que perpassam pelas instituições centrais da História da Arte.

A coleção de Eduardo subverte a cronologia e as “escolas” e seus rótulos. Entretanto, nenhum colecionador está totalmente livre, e é justamente ele quem faz a medição, que se encarrega de cuidar para que suas portas não fiquem escancaradas. Vários são os motivos para reunir tantas diversidades no mesmo lugar, dentre eles o patrimônio pessoal. Porém, na sua intimidade mais profunda, também é colocar a arte não na perspectiva da História da Arte com seus compartilhamentos, dos quais, vale dizer, nada escapa, incluindo aqui o colecionador em uma relação não simétrica. No entanto, o que se tem no contato com a coleção de Eduardo é um descanso, uma percepção e convivência de uma liberdade para a arte e, portanto, uma não diminuição a categorias, escolas, linearidade ou padrões.

A coleção provém em parte da objetividade e intencionalidade de Eduardo Vasconcelos: não colocar essas obras num cenário, num mostrador em vitrine como vemos numa constância. Pelo contrário, elas estão imantadas por ali, espalhando-se desde a sacada de seu apartamento, despreziosa, misturando-se aos objetos habituais da cozinha, sala, quarto, espaços entre sofás e mesas, sem se exibirem excessivamente, sem reinar e sem, muito menos, deixarem-se diminuir pelo espaço todo da casa galeria. Ali, naquele espaço, a arte se mistura à vida, na inteireza desse colecionador que narra história significada de familiaridade, de afeto, de amizade com a arte.

A relação de Eduardo com sua coleção é intensa e diversa, alinhada com ele e o artista, com histórias pessoais de um contato intimista com a obra, com quem a fez e com o caminho que ela seguiu. Eduardo simplesmente se deixou contaminar pela arte, num jogo que não é da compra anônima por telefone ou por um catálogo. Ele compra suas obras por afeição e afecção, do que o artista é o propulsor. O que conta para o colecionador é sua relação com ela numa total liberdade. É, na verdade, a vida da arte e na arte.

E foi com essa entrega que selecionei 51 artistas numa perspectiva de núcleos: corpos performáticos, paisagens humanizadas, artístico político-social e afetos. Que a Coleção Eduardo Vasconcelos represente o respeito pelo espírito não conformista e libertário dos artistas. Que venham outros recortes!

Vânia Leal Machado
Curadora

“Colecionadores colecionam, acima de tudo, afetos”

Dentre as primeiras coisas que pensei ao ser convidado pela Revista Design.com para realizar uma exposição com um recorte do acervo foi: que título ela terá? Refletindo por algum tempo, me veio à lembrança uma frase proferida por Nei Vargas, pesquisador de Arte Contemporânea, durante um Talk: “Colecionadores colecionam, acima de tudo, afetos”.

Olhando para obras, percebendo suas diversas técnicas, suportes e temáticas, percebi a multiplicidade existente. Além disso, ao olhar bem de perto cada pincelada, traço, risco, suas formas e distorções, senti o carinho que possuo por cada uma, lembrei das histórias e de como elas chegaram até mim, das conversas nos ateliês e galerias, do coração disparando em um leilão ou daquela paixão arrebatadora à primeira vista.

Sem dúvida, o afeto é o elo que permeia toda a coleção. Cabe dizer que não foi pensada desta forma e nem teve qualquer pretensão neste sentido. Surgiu de forma espontânea, como, acredito, todos os bons sentimentos devem brotar.

Minha relação com a Arte vem desde criança. Comecei a ler sobre os grandes mestres da pintura aos dez anos. Ficava fascinado pela grandiosidade das obras e das histórias. Ao crescer, mantive o hábito de frequentar os Museus e exposições, de longas leituras sobre o assunto, mesmo não havendo nenhuma relação direta com a minha área de formação – sou Administrador. Aos poucos, comecei a acompanhar a trajetória de determinados artistas visuais. E, assim, estava se formando, sem que eu soubesse, o caminho para o que viria a ser minha primeira aquisição.

Um dia, navegando pela internet, me deparei com uma obra que fez meus olhos brilharem. Nela, sobre um fundo branco, havia um coração formado por engrenagens, bombeando o sangue numa explosão de jatos e respingos que inundavam e se espalhavam pela tela. Era a obra Casa Coração, feita por Jorge Eiró para a primeira edição da CasaCor em Belém. Imediatamente mandei uma mensagem ao artista. Conversamos brevemente e disse que ficaria com obra. Cabe uma nota: eu sequer havia visto ao vivo. No dia da abertura, visitei cada ambiente e guardei o melhor para o final, ver de perto aquela obra que me despertou tantos sentimentos. Minha paixão foi ainda maior, afinal, nem a melhor foto possível consegue capturar a unicidade e beleza de ver uma obra de arte ao vivo.

Depois da primeira obra, veio a segunda, e, com ela, novas descobertas. Artistas e galeristas viraram amigos – por alguns, inclusive, tenho um carinho mais que especial. E, sem perceber, havia sido mordido pelo bichinho do colecionismo. Mais horas foram dedicadas a leituras, conversas, visitas a galerias e, com elas, relações foram sendo construídas.

Hoje, em 2021, essa história de afetos completa 10 anos. São tantas curiosidades e, garanto, tenho uma história para cada uma das obras. Mesmo sendo tantas, cada uma é única. Não consigo adotar critérios baseados em valor de mercado ou no quão famoso é determinado artista. Quero aquilo que me toca – que não significa ter padrão estético de beleza, afinal, ela está presente de diversas formas.

Agradeço à Vânia Leal pela curadoria competente e olhar afiado e à Design.com pelo generoso convite, por meio do qual foi possível trazer ao público obras que estão restritas à esfera privada. Acredito que ações como essa são importantes como estratégias de enfrentamento, na busca da educação do olhar, para que mais pessoas possam ser arrebatadas pela Arte.

Eduardo Vasconcelos
Colecionador

"A admiração é o ponto de partida, o meio e o fim"

É uma honra realizar um projeto tão lindo com duas pessoas que tanto admiro. Na Filosofia, a admiração é entendida como o primeiro passo, o ponto de partida de/para tudo. Acredito que é ela, portanto, que move em grande parte a minha relação com Vânia Leal e Eduardo Vasconcelos. É a mesma dinâmica com a arte. Somos movidos pela admiração e gastamos horas e horas apreciando, contemplando.

A forma como contemplo a arte hoje devo, em grande parte, à Vânia. Ela foi minha professora de História da Arte na faculdade de Comunicação Social e, talvez ela não saiba, foi a responsável por despertar o meu olhar para a arte. A vida foi bem generosa ao permitir nosso reencontro anos depois. Cá estamos trabalhando em um projeto cujo objetivo central é a democratização da arte.

Devo ainda ao Eduardo, com quem aprendo todos os dias sobre arte e tantas outras coisas. São horas e horas diárias de confábulas artísticas e nutro-me intensamente com seu olhar apurado, seu coração sensível. Sua brilhante razão artística foi capaz de construir um acervo tão esplêndido. Honroso estou com sua generosidade em aceitar tornar público tamanho haveres.

Muita gente ganha com esta exposição. Ganha a sociedade, com acesso gratuito a um grande acervo até então restrito a uma esfera privada, ganham os artistas, com a perpetuação dos seus trabalhos, ganha a cidade, com um evento de grande valor, ganha a revista, ao cumprir o seu compromisso de valorização da arte. Esta exposição vem para demarcar um território, para reafirmar o que todos nós já sabemos, que esta terra chamada Pará é um celeiro de grandes artistas. A produção paraense se diferencia completamente no cenário de arte brasileiro.

Nosso estado é fruto de hibridismos culturais únicos, desde as sólidas tradições indígenas, a invasão européia, a presença negra, o impulso de modernidade pelo ciclo da borracha, o posterior declínio econômico e a sua atual reinvenção. Todos esses hibridismos culturais que constituem a sociedade paraense são materializados nas produções artísticas, sempre rompendo com estereótipos de exotismo e preconceitos regionalistas. Ou seja, o hibridismo cultural paraense merece uma ode ontem, hoje e sempre, sim!

Meu desejo é que venham muitos outros grandes projetos dessa natureza. E lembre-se: a arte tem endereço: www.revistadesign.com.

Luiz Cláudio Fernandes
Diretor da revista Design.com

a
coleção

ALBERTO NICOLAU DA COSTA (Belém-PA, 1961)

Pintor, desenhista, muralista e músico, iniciou seus estudos de pintura na capital paraense aos dez anos de idade, com Benedicto Mello, em cujo ateliê permaneceu 5 anos. Paralelamente, estuda piano em Belém. Em 1980, com o objetivo de continuar seus estudos de música clássica, transfere-se para Paris, ingressando na École Normale Supérieure de Musique. Em 1985, todavia, sua vocação para as artes visuais volta a manifestar-se e ele retoma os estudos de pintura na Académie de la Grande Chaumière. Durante 15 anos, recebeu orientação de desenho e pintura de Henrique Ahil, na capital francesa.

Como bem destacou Mário Margutti, “a pintura do artista paraense Alberto Nicolau é música para os olhos”. A fluidez das escalas cromáticas é transmitida de forma natural para as suas telas. Como que em um show sinestésico, os olhos do espectador parecem ao mesmo tempo enxergar a incandescência e a leveza de Van Gogh e ouvir uma ópera de Gioachino Rossini. Alberto Nicolau é apaixonado por música clássica. Sua playlist é composta quase apenas por esse estilo. Durante 14 anos ele estudou piano clássico. Não é à toa que a música está presente em grande parte das suas obras. Ele é muito transparente e pinta o quadro de uma vez, em duas ou três horas, depois volta e retoca e retoca, ... Ele também chega a reciclar telas, pintando por cima. Nas obras desse artista se vê a essência do francês Henri Matisse, pela forma como usa a cor e pela sua arte de desenhar, fluida e original. Também se vê o arrojo de cor e a qualidade decorativa estilizada da pintura do francês Pierre Bonnard. Das intensidades das cores Alberto faz nascer as formas, em um jogo de luz e sombra. E ele pinta por puro prazer. Alberto gosta de pintar a natureza. Hoje ele é um dos pintores mais respeitados na França e ficou conhecido como “o pintor das flores” e como “o pintor das paisagens da Normandia”, no norte da França, onde morou. Apenas 10 quilômetros de Giverny, o refúgio de Monet, um dos pintores que ele mais admira.



SEM TÍTULO
2001
Acrílica s/tela
70,5 cm x 112 cm

alexandre
sequeira

ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA (Belém-PA, 1961)

Artista plástico, Arquiteto, Escritor e Fotógrafo. Mestre e Doutor em Arte e professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Em 2004 e 2007 recebeu a Bolsa Pesquisa, Experimentação e criação artística IAP. Entre suas participações em mostras coletivas destacam-se: Amazônia. Ciclo de Modernidade, CCBB (Rio de Janeiro, 2012); Gigante pela própria natureza (Valência, 2011); Simpósio e exposição Brush with Light, University of Art Media and Design of Newport (Reino Unido, 2010); Festival Internacional de Fotografia de Pingyao (China, 2010); X Bienal de Havana (Cuba, 2009); Exposição e residência artística no Centro Cultural Engramme (Quebec, 2007); Bienal Internacional de Fotografia (Liège, 2006); e Une certaine amazonie (Paris, 2005).



O ENCONTRO

2007

Fotografia Pinhole, impressão de pigmento mineral s/papel de algodão. 3/10

90 cm x 90 cm



CERIMÔNIA DE MATRIMÔNIO EM CHUCUITO

1995/2000

Fotografia

25 cm x 38 cm

A fotografia sempre se ofereceu para mim como possibilidade de educação do olhar para as coisas do mundo, como também para tudo o que anima o meu viver. Ela se revelou desde meu primeiro contato como um potente instrumento de aproximações e trocas com outros – dado o profundo vínculo que todos nutrimos com a imagem, em especial, a fotográfica. Nesse sentido, é pela fotografia que minha relação com as pessoas se estabelece. A imagem que participa desta mostra, é um registro de um desses encontros promovidos pela fotografia. Em uma viagem realizada ao longo do mês de julho de 1995, visitando pequenas aldeias no altiplano peruano, tive a oportunidade de experimentar uma aproximação afetuosa e de intensas trocas com moradores da região que, em sua grande maioria, só falavam o dialeto Quéchua - importante dialeto indígena da América do Sul, ainda hoje falado por milhares de pessoas habitantes dos Andes.

No caso específico da imagem, fui solicitado por uma família da pequena aldeia de Chucuito, situada às margens do Lago Titicaca, 3.875m acima do nível do mar para, na condição de retratista, realizar o registro fotográfico de um casamento.

A cerimônia, conduzida segundo preceitos essencialmente locais, se estendeu também em uma festividade rica de valores simbólicos de uma cultura ancestral.

Alexandre Sequeira (Nov/21)

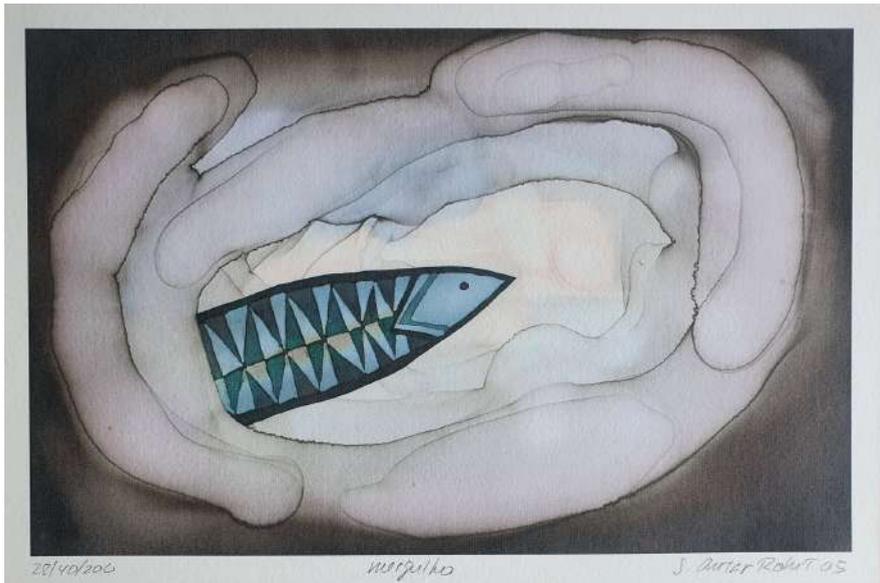
antar
rohit

SWAMI ANTAR ROHIT (Los Angeles, EUA, 1960 - Belém-PA, 2007)

Nascido Thomas Lee Mahon, em Los Angeles, mudou-se para Belém aos cinco anos de idade. Aos 19 anos realizou sua primeira exposição individual na Galeria ângelus do Teatro da Paz, apresentando trabalhos em técnica de pintura sobre seda. Nesse período, retornou aos Estados Unidos para estudar teatro. Além do Brasil, Estados Unidos e Holanda, morou também na Índia, sempre expondo suas pinturas, que retratam as belezas brasileiras. Além de artista plástico, era Doutor em Psicologia, formado na Holanda.

Esta obra faz parte da última coleção de quadros e gravuras desenvolvidas e expostas pelo artista na exposição intitulada "Arawete", onde ele traduziu o universo indígena a partir de sua ótica enquanto artista. Nessa série, composta por representações de plumas, cocares, cuias, peixes e canoas, foi possível sintetizar as tribos e culturas amazônicas pelo seu olhar onírico.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21)



MERGULHO
2005
Gravura 28/90/200
35 cm x 50 cm

armando
sobral

ARMANDO SAMPAIO SOBRAL (Belém-PA, 1963)

Gravador, pintor, escultor, curador e professor. Na década de 90 frequentou o Ateliê de Gravura da ECA/USP, coordenado por Evandro Carlos Jardim. Em 1994 integrou o grupo que fundou o Atelier Piratininga (SP). Em 2011 inaugurou o Atelier do Porto, um espaço voltado à difusão da arte paraense. Mestre em Artes pela UFPA, desenvolve atividades na área teórica e prática do ensino de arte, além de responsável pela implementação de projetos educacionais em instituições e programas de educação patrimonial com ênfase no resguardo da arquitetura histórica, junto a empresas, autarquias e instituições governamentais. Em 2010 recebeu o Prêmio Nacional de Arte Contemporânea Marcantônio Vilaça e o Prêmio de Arte Contemporânea, Ocupação dos espaços FUNARTE 2010.



CORAÇÃO
2013
Xilogravura 5/7
48 cm x 38 cm

Sobre o Corpo

O desenho atravessa tudo em meu trabalho, como pensamento e linguagem. As formas orgânicas em barro são criações a partir de registros fotográficos de flores que transformei em gravuras em metal, a série Amazônia-Carajás – logo depois comecei a vê-las como organismos independentes no espaço tridimensional. São como desenhos que se movimentam com os impulsos do corpo; essa relação corpo/forma sempre esteve como ideia geradora desses trabalhos e que subsiste ainda hoje como possibilidade de continuidade. A queima foi realizada no ateliê de um grande mestre da cerâmica do Paracuri, em Icoaraci, o Seu Rosemeiro. A escolha foi pensada em seu processo de construção de significado, ainda que não possa ser visto na obra; vivenciar aquele lugar foi uma experiência que carrego comigo e que imprime ao ato da criação certa consciência de tempo e lugar – com essa imersão pude aderir raízes a essas vegetações.

Armando Sobral (Nov/21)



SÉRIE ORIGENS

2016

Esculturas em Cerâmica

Peças únicas (5 de 50)

34 cm x 27 cm (cada/dimensões variadas)

BERNADETE DE LOURDES GUERREIRO REALE (Belém-PA, 1965)

Artista visual e perita criminal. É considerada uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, principalmente na prática de performance, onde usa seu próprio corpo como instrumento de criação. Iniciou sua carreira artística realizando instalações e objetos de cerâmica. Estudou arte na Universidade Federal do Pará e participou de diversas exposições e bienais, como: “É tanta coisa que nem cabe aqui”, representação brasileira na 56ª Bienal de Veneza (2015); Third Beijing Photo Biennial CAFA art Museum (China, 2018); Please Come Back, MAXXI (Roma, 2017), 34º Panorama da Arte Brasileira (São Paulo, 2015); Foto Bienal Masp (São Paulo, 2013); Bienal de Fotografia de Liège (2006). Foi contemplada pela 5ª edição do Prêmio Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas (2015) e recebeu o Grande Prêmio do Salão de Arte Pará (2009).

Essa obra consiste em um Still do vídeo/performance Cantando na Chuva (2014), onde a artista desfila em um tapete vermelho estendido sobre um lixão. Com um figurino dourado, ela caminha e sapateia ao som de Singing in the rain. Com essa obra, a artista usa da ironia para mostrar sobre as relações de consumo e da pobreza, do contraste existente entre a percepção e cegueira da sociedade diante da vulnerabilidade daqueles que sobrevivem na miséria. A artista gentilmente doou essa imagem para o Clube de Colecionadores de Fotografia do Museu de Arte Moderna de São Paulo.



CANTANDO NA CHUVA

2014/2015

Still do vídeo. Impressão a jato de tinta s/papel 9/100

73cm x 106cm

christina
machado

MARIA CHRISTINA DE LUCENA MACHADO (Belém-PA, 1957)

Radicou-se em Recife/PE desde os seus 4 anos. Artista, formada em artes plásticas, UFPE, conhece a cerâmica e deposita nela todas as experiências vividas durante sua vida acadêmica. Deriva para experimentações de criação de objetos, esculturas e painéis onde a cerâmica se integra a projetos arquitetônicos e obras públicas. Em sua poética surgem temas ligados ao corpo e ao universo feminino problematizando a relação com sua intimidade, que num desdobramento de experiências faz com que a sociedade venha dialogar com sua obra onde a natureza humana passa a ser seu foco principal.

Faço o que vier na minha cabeça (2014) faz parte de uma série de 30 peças em cerâmica - pintura com óxidos e argila colorida a 900°C, e cada uma delas especialmente única. Um exercício sobre o significado da palavra "desejo" onde a artista exercita com liberdade sua criação e convida o público a participar da reflexão.

Christina Machado (Nov/21)



FAÇO O QUE VIER NA MINHA CABEÇA VIII
2014

Pintura com óxidos em argila a 900° em cerâmica
28 cm x 20 cm x 4 cm

DANIELLE FONSECA DO NASCIMENTO (Belém-PA, 1975)

Sua poética é composta a partir de elementos da literatura, poesia, filosofia, de música e da paisagem. Participa de exposições, projetos artísticos e literários. Produz imagens por meio de vários suportes: escrita, vídeo, fotografia, performance e pintura, explorando a plasticidade de cada linguagem. As paisagens, a literatura, a poesia, a filosofia, a música e o surfe são matérias de investigação para o seu processo criativo, que nos permite pensar sobre o tempo e o espaço em uma dimensão líquida, fluida e movente.

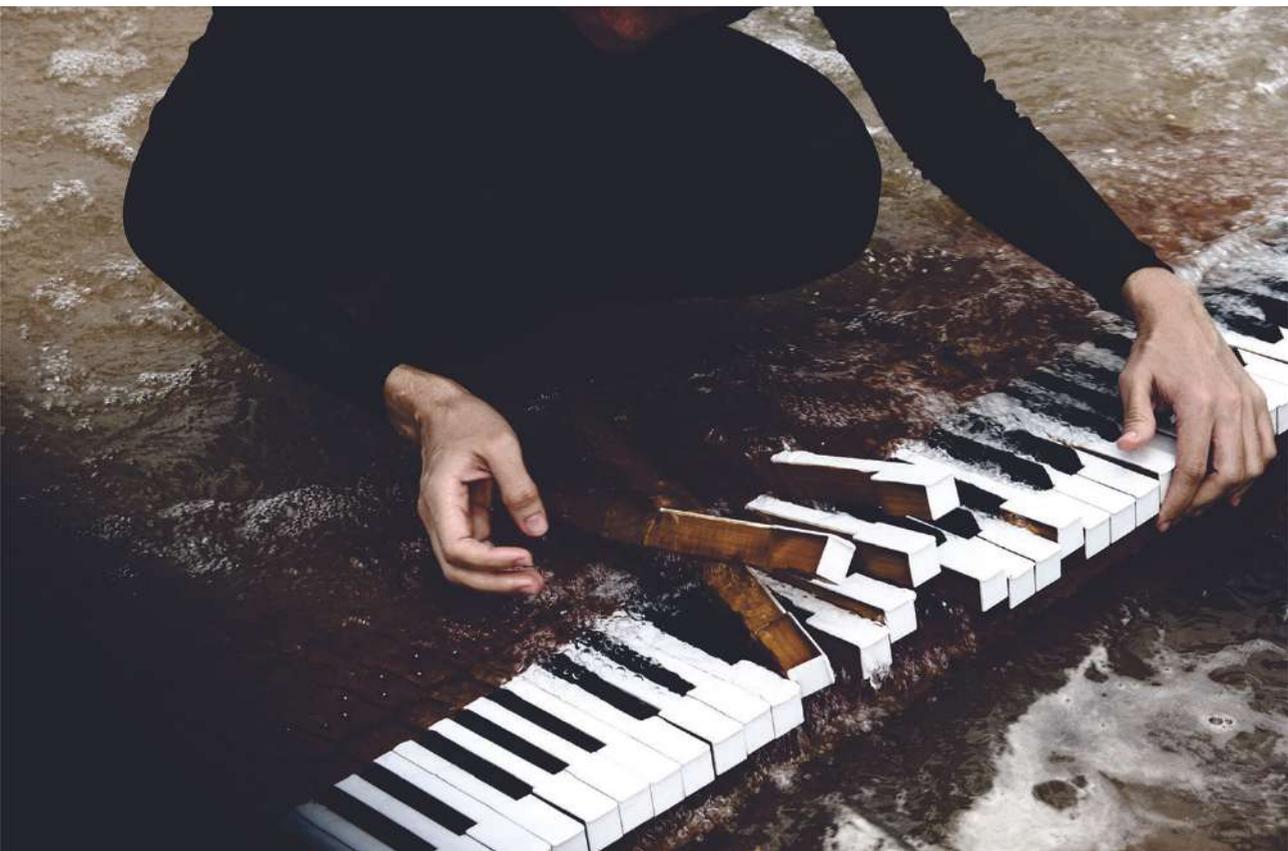
“Mas vivenciar é também experimentar pensamentos nômades”
(Daniel Lins, in: Antonin Artaud: O artesão do corpo sem órgãos)
Em uma paisagem situada entre um rio, um pouco de mar e um tanto de floresta, um resto de um piano quebrado dá o ritmo muito próprio e particular daquele lugar com um surfista que tenta a todo custo surfá-lo sobre as águas. O Martelo Sem Mestre é uma série de fotografias feitas com livre inspiração no poema surrealista de René Char Le marteau sans maître escrito em 1934, e na obra musical homônima do compositor francês Pierre Boulez de 1955, que por sua vez inspirou também o bailarino Maurice Béjart em 1973. O trabalho seguiu o próprio destino do poema que até hoje está entrelaçado entre a palavra, a partitura, a música, a dança e minha possível paisagem fotográfica. As cenas seguiram os três movimentos ou séries de ritmos da adaptação musical de Boulez que por se parecerem (a primeira vista) com gotas de água sem controle, guiaram ou desguiaram virtuosamente o surfista numa representação que também propõe dialogar com a questão: Ainda há diferença entre performance para fotografia ou ações orientadas para fotografia? Essas nomenclaturas deixam explícito o fato importante de que a fotografia é e sempre será o meio pela qual a recepção se dará. A ação foi realizada em fevereiro de dois mil e quinze com um piano de armário em madeira de lei, as imagens foram registradas pela artista visual Keyla Sobral.

SEM TÍTULO, SÉRIE O MARTELO SEM MESTRE

2015

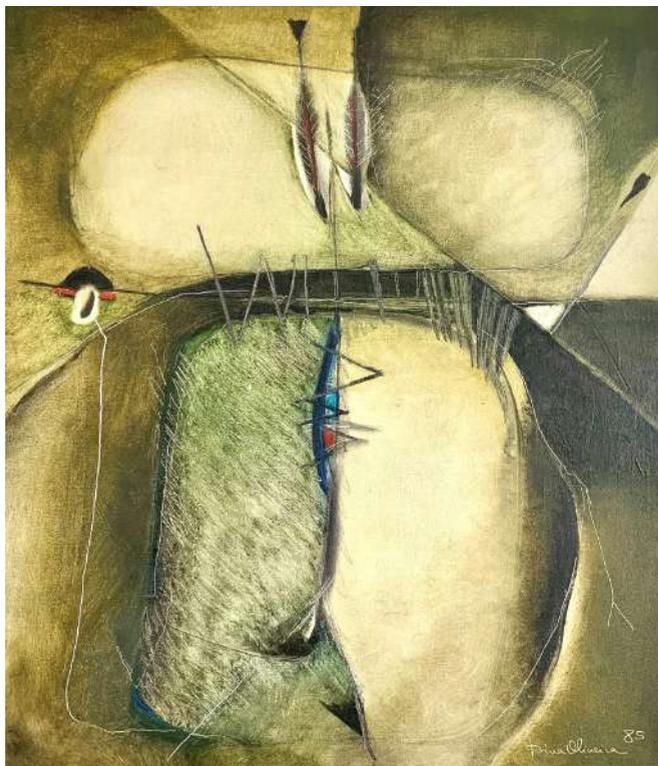
Fotografia. Impressão a jato de tinta s/papel de algodão 2/5

29,7 cm x 42 cm



DINA MARIA CÉSAR DE OLIVEIRA (Belém-PA, 1951)

Formada em arquitetura pela Universidade Federal do Pará, expôs pela primeira vez em 1965, no Salão de Artes Plásticas da UFPA. Em 1968, recebe o Prêmio Caju de Prata no 1º Simpósio da Juventude Amazônica. Participou, ao longo da década de 1980/90, de exposições e salões em diversas cidades brasileiras, sendo premiada no 38º e 40º Salão Paranaense; no 35º e 36º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco; e em três edições do Salão Arte Pará (1982, 1986 e 1987). Recebeu em 1986 o Prêmio Revelação - Pintura, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Mestre em estruturas ambientais urbanas pela FAU/USP, torna-se professora de arte na UFPA. Ocupou o cargo de superintendente da Fundação Curro Velho, Belém e da Fundação Cultural do Pará.



Os universos parecem azuis
quando o tempo carece. Aí
as ranhuras, fissuras,
verrugas, viram
argumentos do discurso
estético.

Dina Oliveira (Nov/21)

MAGIA I
1985
Óleo s/tela
70 cm x 60 cm



Quando a gente se contorce e virava
pedra. Momento em que a figuração
humana pode esconder ou revelar
fragmentos da experimentação já vivida.

Dina Oliveira (Nov/21)

SEM TÍTULO
1982
Lápis e Pastel s/papel
19 cm x 26,7 cm

SEM TÍTULO
1982
Mista s/papel
48 cm x 66 cm

Às vezes não precisa falar, basta olhar no
fundo das coisas...

Dina Oliveira (Nov/21)



ANTÔNIO CARLOS DUMAS SEIXAS (Belém-PA, 1958)

Há mais de vinte anos radicado na cidade de São Bernardo do Campo. Sua história como artista plástico/gráfico se funde à própria história artística dessa cidade, germinada no antigo espaço Henfil. No final da década de 80 ele chegava a São Paulo impregnado da memória de sua terra natal: Belém do Pará; marcada pelo cosmopolitismo por ser rota de estrangeiros de toda ordem, mesclou a isso um outro tipo de cosmopolitismo, o da maior cidade da América do Sul descortinando-se como artista da imagem, da palavra deslocada, da colagem e da transformação, marcas de sua obra. Apropriando-se de precários fragmentos de materiais não-nobres, o artista é capaz de construir uma poética única, emocionante e universal, plena de significados de questões mais atuais

O trabalho de Dumas é baseado na mistura/mestiçagem de matérias e de técnicas; nele a gráfica e a plástica se atritam todo o tempo. Sua obra é muito marcada pela tradição da arte moderna voltada para a visualidade caótica da realidade urbana. Mas sua sintonia está ligada, também, na plástica e na gráfica populares.

Júlio Mendonça. (2011)



SEM TÍTULO
2006
Mista s/papel
30 cm x 30 cm

EDUARDO KALIF DE SOUZA (Belém-PA, 1962)

Fotógrafo, jornalista, pesquisador, professor de arte, educador ambiental. A partir de 1982 trabalhou como repórter fotográfico para diversos jornais. Paralelamente, desenvolveu seu trabalho pessoal na área documental abordando variados temas, destacando-se seu ensaio fotográfico de povos indígenas brasileiros. Participou das discussões e manifestações do movimento fotográfico paraense na década de 80, sendo sócio fundador da associação Fotoativa. Nos anos 90 coordena a área de audiovisual da Fundação Curro Velho, além de ministrar oficinas e desenvolver pesquisas sobre os processos artesanais de fotossensibilização do Século XIX.

Vale do Amanhecer. Planaltina. DF. 1983. Esta imagem me remete à época enquanto estudante de jornalismo, em início de carreira como repórter fotográfico. Estava participando do ENECOM - Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação - na UNB, junto com a comitiva da UFPa, início do processo de redemocratização do país. Ao final do encontro peguei um busão e estiquei até o Vale do Amanhecer, próximo à Brasília. No maior centro místico-espiritualista do país, tive minhas expectativas superlativamente atendidas por todo o exotismo da comunidade alternativa fundada em 1969, por Tia Neiva, reunindo sincreticamente diversas manifestações religiosas e crenças em civilizações extraterrestres e local de refúgio futuro para quando o "sertão virar mar". A comunidade é bastante movimentada pelo turismo religioso e por aqueles em busca de cura e tratamento espirituais. A comunidade, voltara vinte anos mais tarde. Hoje o Vale do Amanhecer conta mais de 600 templos em todo o país.

Sesta na rede ...de pesca. Barcarena, 1995. A Barcarena dos grandes portos, dos grandes projetos e das megas multinacionais da mineração, ainda conserva sua identidade ribeirinha, quando o nativo tira aquela sesta da tarde, merecida após a árdua labuta, abrandando o cansaço e o peso do almoço: "tá sentando a comida". No contraste entre o polo industrial e a vida ribeirinha, a cultura do amazônida resiste. Na mesma rede que tira o peixe, o caboclo tira a sesta.



VALE DO AMANHECER
1983
Fotografia
23 cm x 35 cm



BARCARENA
1995
Fotografia
15 cm x 22 cm

elaine
arruda

ELAINE ANDRADE ARRUDA (Belém-PA, 1985)

Artista Visual, Professora, Pesquisadora e Agente Cultural. Co-Fundadora do Atelier do Porto (Belém, PA). Psicóloga formada pela Universidade Federal do Pará, possui Doutorado em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP. Realizou parte dos seus estudos doutorais na Université Paris 8 e Mestrado em Artes Visuais também pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Foi técnica em Gestão Cultural da Gerência de Artes Visuais do Instituto de Artes do Pará, entre os anos de 2008 e 2009. Coordenou o projeto Grafias, aprovado pelo Edital Espaço Cultural Banco da Amazônia 2010.

Elaine Arruda transmite para fora com violência, direto para as matrizes de metal. Um verdadeiro cardume de sentimentos que se movimentam na massa forte das incisões, utilizando instrumentos de batalha que, no dia a dia, despertam os mortos e são apropriadas para as visões incomuns que afundam, rasgando e distorcendo a realidade, abrindo sulcos como rios num deserto de cinzas; abalando a superfície delicada de um espelho e destruindo o retrato vivo, no primeiro encontro.

Ulysses Bôscolo, A Pele do Caçõ: Cartografia de amor, (beleza) e fúria na cidade de Belém (2011)

As paisagens presentes na gravura da artista trazem as marcas da sua força, normalmente em grandes dimensões. Outra gravura dessa tiragem fez parte da exposição “Acervo Onze Janelas [Gravura no Pará]”, realizada em 2018 na sala Valdir Sarubbi.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21)



SEM TÍTULO
2007
Gravura, ponta seca s/ zinco, P.A.
63 cm x 27 cm

ELIENI TENÓRIO SOARES (Mazagão-AP, 1954)

Curso extensão em Artes Plásticas na Universidade Federal do Pará e Capacitação de Instrutores na Fundação Curro Velho. Ministra oficinas no Instituto de Artes do Pará e na Fundação Curro Velho. Desenvolve pesquisas utilizando diversas técnicas e suportes visando ampliar o seu universo plástico e as formas com as quais representa as práticas femininas. O processo criativo que desenvolve compreende experimentações variadas, como técnica mista sobre suportes pouco convencionais. Nele há interferências de papel de parede, moldes, tecidos, marcador de retroprojeto, renda, fita métrica e muita costura. Pintura, desenho e, especialmente, gravuras, são as técnicas inseridas no trabalho da artista.

Há pureza na profunda sedução que os trabalhos de Elieni exercem e expressam. O desejo, a ânsia em qualquer ser humano, nada fica subjacente, é exposto. Tudo é revelado sedutoramente com aquele molho, com o que não precisa de explicação como diz Caetano Veloso: “tá na cara” – perfeitamente entendido, por todos.

Os trabalhos mostram o cotidiano, sem retoques, despidamente belo. Sensualidade implícita, olhante, no afeto, no acariciar, que prossegue acarinhado e expelindo odores, salpicando denúncias, rejeitando opressão, libertando carências, interpretando gozo estético e poético (porque, sobretudo, sexual), realizando, por meio das imagens, cada um, no seu recôndito, objeto do desejo que fica apenas no desejo quando não se tem coragem de acessar e Elieni vem e revela, com a maquiagem social perfeita de que se revestem os resultados plásticos num poema cobra-grande.

A arte vem e expõe, nada de subterfúgios, fugidios olhares que falam e que olham sem querer olhar e dizem o que não dizem, e nesse bate-coxa que jamais é pecado mortal, que dirá venial, avulta a fruta-pão da ternura que deve permear as relações na morfologia social, assim sugere Elieni



A OUTRA
2002
Mista s/tela e bastidor
55 cm x 70 cm

ELISA ARRUDA KUNZ (Belém-PA, 1987)

Artista visual. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (2017). O interesse poético de Elisa tem como centro a condição da mulher, isto é, os relevos e camadas de tempo que a vida e seus atravessamentos acrescentam ao corpo feminino. Os temas ligados à memória, laços de afeto, rupturas, maternidade, à vida cotidiana e ao amadurecimento estão subscritos em suas obras. Sua produção é uma narrativa analítica e ficcional, que reverbera a poesia, a música e a fala diária a partir de reelaborações e estudos. São obras que se apresentam como relatos expressos em gestualidades pictóricas, por meio do trabalho com o papel e corpos escultóricos.

As Matissianas são um trabalho de pintura com sobreposição de várias técnicas: bastão oleoso, tinta acrílica, guache e nanquim. Elas fazem parte de um livro sanfonado que até o ano de 2021 integrou meu acervo pessoal, não sendo mostrado em exposições. O que ocorre é que sempre vi esse livro com um caráter particular, achando ele destoante de meus trabalhos, talvez pela cor intensa. A sua produção aconteceu em uma oficina que participei nas Oficinas Culturais Oswald de Andrade, em 2017, São Paulo. Pensei naquela altura que eu queria usar a cor livremente e fazer algo que não tivesse atrelado à minha produção. Dessa forma, me senti mais livre e descompromissada com a imagem que invariavelmente associamos como um dever de coerência na nossa produção. Bobagem. Em 2020 comecei a usar a cor livremente nas 'matissas', um conjunto de pinturas que revisita a pintura 'harmonia em vermelho', de Matisse. Articula a pintura ao meu universo poético, reelaborando-a e me concedendo poder de inversão de fala, é como se a mulher por ele pintada passasse a se retratar... Ao olhar os trabalhos fruto das matissas e a exposição 'em casa', aberta em Belém em março de 2021, percebi que aquele livro foi um preâmbulo, um anúncio abrupto, em um momento no qual eu não tinha entendimento ainda do que viria a ser e fazer. Na arte é assim, eu penso que a construção poética se dá antes de toda e qualquer compreensão da (ou do) artista. Elaboramos no trabalho coisas que ainda irão se fortalecer, em nossas intenções. Deixei então o nome tardio ao livro: 'matissianas'. Além das figuras, no livro estão também objetos cotidianos, estes são igualmente importantes e dotados de vida

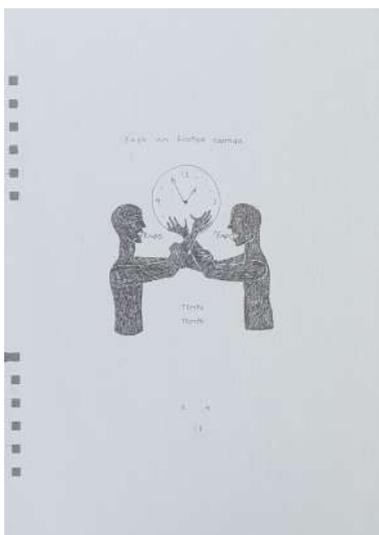
MATISSIANAS
2018
Técnica mista s/livro japonês sanfonado
15 cm x 120 cm

Elisa Arruda (Nov/21)





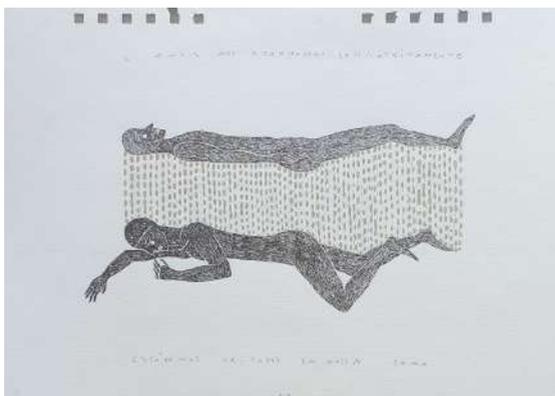
(...) MAS NÃO ME LEVE A SÉRIO
2017
Desenho
21 cm x 29,5 cm



ACORDO
2018
Desenho
29,5 cm x 21 cm

São desenhos livres a nanquim, produzidos entre 2017 e 2018. Os trabalhos são folhas de um caderno onde desenho um romance, com seu enlace e ruptura...Os três trabalhos dialogam entre si como um quadrinho, com cenas que se complementam. Dois deles usam trechos de músicas de Caetano. São trabalhos em que o desenho escreve pela sua caligrafia, sua repetição, uma história que é comum e que é de todos.

Elisa Arruda (Nov/21)



SEM TÍTULO
2018
Desenho
29,5 cm x 21 cm

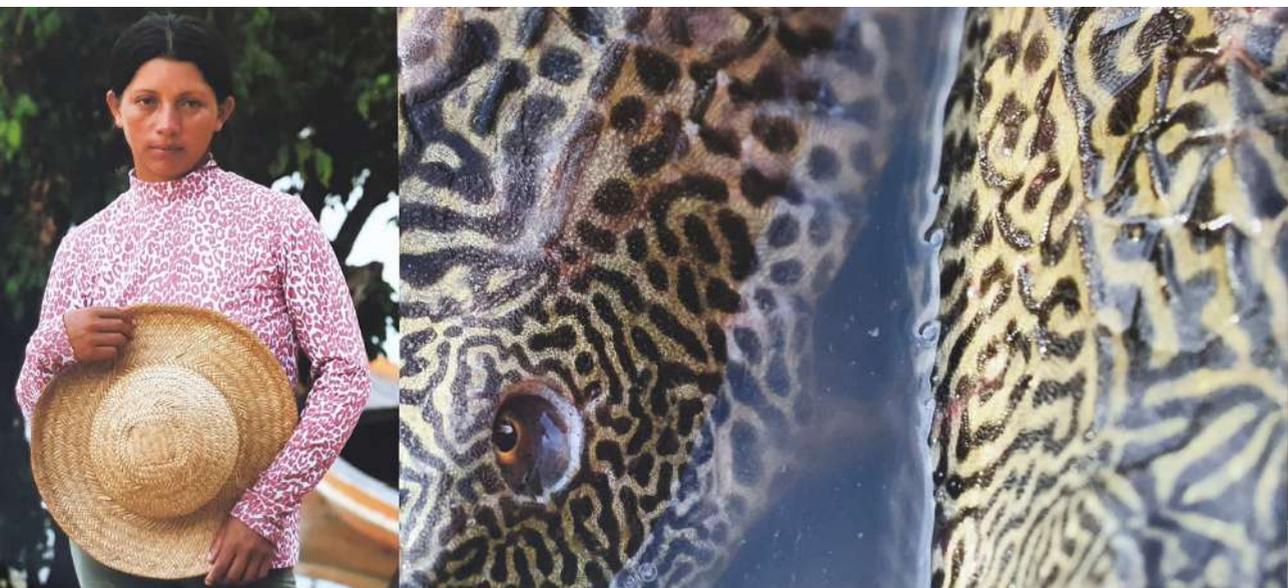
elza
lima

ELZA MARIA SINIMBÚ LIMA (Belém-PA, 1952)

Fotógrafa. Formada em História pela Universidade Federal do Pará. Frequentou curso de fotografia na Oficina Fotoativa, em 1984. Em 1989, trabalhou na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, onde criou um acervo fotográfico das manifestações culturais da região amazônica, e, em convênio com a Fundação Nacional do Índio, iniciou o trabalho de documentação de tribos indígenas da Amazônia Legal. Recebeu o prêmio de fotógrafa do ano pela Associação dos Artistas do Pará (1990), e o Prêmio José Medeiros do Museu de Arte Moderna (RJ, 1991). Em 1995 desenvolveu o projeto Vendo de Perto com Olhares de Fora com o fotógrafo suíço Barnabás Bosshart. No ano seguinte, é contemplada com o Prêmio Marc Ferrez da Funarte e, em 1999, com a Bolsa Vitae de Artes. Em 2016, a Editora Ipsis publicou o livro Elza Lima - Coleção Ipsis de Fotografia Brasileira - Vol. 5

Essa obra faz parte da série de imagens denominada *Corpos d'água*, organizadas em dípticos e trípticos. As imagens em preto e branco dos anos 80/90 que tornaram a artista consagrada tomam cores e exibem mulheres de ascendência indígena e suas relações com a pesca, a família e a comunidade.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21)



CORPOS D'ÁGUA

s/d

Fotografia. Impressão jato de tinta com pigmentos naturais

40 cm x 86,5 cm

emanuel
franco

EMANUEL JOSÉ FRANCO FERREIRA (Belém-PA, 1952)

Artista visual. Arquiteto graduado pela Universidade Federal do Pará (1979). Foi professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Amazônia-UNAMA, Coordenador da Galeria de Arte Graça Landeira e Curador do Salão UNAMA de Pequenos Formatos. Curador das Salas Especiais do Arte Pará (2004 a 2008); Membro da Curadoria do Arte Pará (2008). Foi membro do Conselho Cultural da Fundação Ipiranga. Representante da Região Norte no Colegiado Setorial de Artes Visuais da FUNARTE / MINC (2005 a 2009); Curador do Salão de Arte do SESC/Amapá (2004 e 2006); Arquiteto da Secretaria de Estado da Cultura, desde 1982.



DALCÍDIO JURANDIR (SÉRIE EMBARCAÇÕES DA MEMÓRIA: A LITERATURA DOS RIOS)
2018
Mista s/lona
21 cm x 5 cm (cada)

“Embarcações da memória: a literatura dos rios” é uma série de objetos produzidos, em formatos de canoas regionais, tendo como referencial a trajetória literária de três escritores paraenses nascidos em cidades ribeirinhas: Inglês de Souza (Óbidos); Dalcídio Jurandir (Ponta de Pedras) e Ruy Barata (Santarém). A técnica empregada são refugos de lonas surradas e colagens de recortes em papel com textos literários dos citados autores e registros fotográficos sinalizando a trajetória deles nas respectivas cidades natais. Essa série foi produzida em 2007 e contemplada no Edital Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística do IAP/ Pará.

Emanuel Franco (Nov/21)



UBÁ
2005
Objeto (lona, espelho, vidro)
86 cm x 17 cm

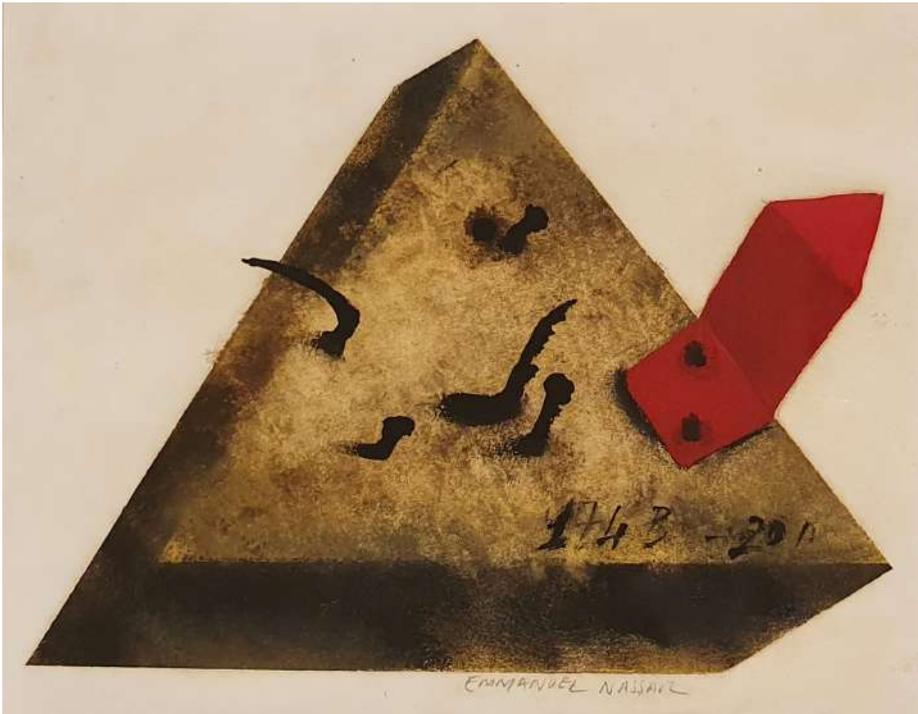
emmanuel nassar

EMMANUEL DA CUNHA NASSAR (Capanema-PA, 1949)

Arquiteto e Pintor. Foi docente do curso de Artes Visuais na UFPA. Em 1981, criou a obra *Receptôr*, a partir da qual desenvolveu pinturas com representações de pequenos mecanismos, contendo eixos, manivelas e placas de cor, incorporando também objetos comuns do cotidiano. Em seus trabalhos, utiliza elementos da cultura popular local, como nas cores vibrantes e formas geométricas. Em 1998, realizou a instalação *Bandeiras*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) e no Museu Estadual do Pará, onde se apropriou de 143 bandeiras de municípios paraenses. Suas obras integram importantes coleções públicas, como a Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA, e Caracas, Venezuela; Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, e Rio de Janeiro, RJ; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ; Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP; e University Essex Museum, Inglaterra.

Sua pintura usa apenas a inesperada geometria de objetos insólitos, para construir uma nova paisagem em que poucos elementos sejam distribuídos no espaço. [...] O ponto de partida para cada pintura é sempre algum detalhe realista. Em geral Nassar usa poucos detalhes em cada pintura, para distribuir melhor o espaço. E recorre às cores fortes, àqueles tons de quem está acostumado a conviver com outra intensidade de luz tropical. Mais que isso, porém, seus trabalhos são tão articulados que, além do impacto visual, ainda reativam no público um pouco da memória afetiva suscitada pelas geringonças de lata e madeira, típicas de um mundo em extinção.

Casimiro X. de Mendonça, *Rumos do Norte* (1984)



SEM TÍTULO
S/D (1980-1984)
Óleo s/papel
19 cm x 23 cm

erinaldo
cirino

ERINALDO DA CONCEIÇÃO CIRINO (Açailândia-MA, 1982)

Graduado em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Federal do Pará, professor de Artes, escritor e artista visual. Seus desenhos possuem um traço único e minimalista, que se faz presente também em bordados, objetos, instalações e esculturas, que levam a uma reflexão sobre interioridade, a infância e a solidão.

Cirino produz trabalhos que resgatam memórias relacionadas a suas experiências de infância, principalmente ligada a sua vivência em uma comunidade as margens do rio Tapajós, na rodovia transamazônica. Seus trabalhos atentam para questões da existência, atravessada por dor, traumas, isolamento, incertezas, silêncios, fragilidades e sonhos. Todos esses encontros afetivos que nos tornam o que somos.

Um vazio, um silenciar, um distanciamento, uma vontade de fuga, uma necessidade de vida, talvez quietude, temores... são dessas camadas que brotam esses desenhos e bordados, uma soma de afetos que acumulamos no percurso da existência.

A vida no que ela tem de tenso, no que ela tem de leve, naquilo que nos atravessa em angústias; medos revelados na fragilidade do corpo nu, nos conflitos de estar no mundo, onde também efetivam nossas potências e nascem delicadezas, belezas, encantamentos. O que pode fazer o corpo é a questão, pois é dele que pulsa em nós toda possibilidade de agir, criar, lutar, sorrir; mesmo sendo o corpo em nós aquilo que pesa, aquilo que toca o chão, nossa luta é em favor da leveza, do voo em oposição a queda, o paraíso em oposição ao abismo; mesmo que o céu não exista.

Este desenho, em especial, compõe um díptico criado para fazer parte de uma exposição em comemoração aos 400 anos de Belém.

Erinaldo Cirino (Out/21)



SEM TÍTULO
2016
Nanquim e acrílica s/papel
41 cm x 20 cm

EVNA MARIA MOURA GUTIERREZ (Cachoeira do Arari-PA, 1986)

Educadora e artista visual, atua como fotógrafa e pesquisadora em diversas áreas de pesquisa, tais como criação e crítica. Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista e Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Seu trabalho artístico experimenta fluxos entre sujeitos e sua produção fotográfica explora as diversas possibilidades técnicas e conceituais da fotografia analógica e digital. Prioriza em sua criação narrativa diálogos entre personagens, lugares e técnicas experimentais da imagem fotográfica. Fez parte do Núcleo de Formação e Experimentação na Associação Fotoativa em Belém e do Núcleo de Documentação e Pesquisa, da mesma instituição.

Não se fala aqui especificadamente sobre um determinado lugar, mas sobre um caminho. Esta série se iniciou no Pará, onde nasci e percorreu o território brasileiro até o encontro com litoral do Uruguay, de onde veio meu pai. Sob aspecto de uma narrativa intuitiva, criando uma invenção de memórias, pessoas e lugares de uma história de família não vivida. Este processo tornou-se para mim um fluxo natural de descobertas. As imagens foram fotografadas em analógico e manipuladas pela técnica química natural com o sal. Que em momentos se mistura a vegetação natural das imagens e em outras torna-se uma nova imagem, criando uma textura. Imagens que tornam-se livres e inventam um próprio lugar, um lugar de encontro comigo mesma, como um lugar de experiência nestas paisagens que ganham vida diante da experimentação orgânica natural. As fotografias provocadas pelo atrito dos agentes químicos naturais na película fotográfica ou agentes orgânicos, são usadas na formação de imagens junto ao ambiente natural fotografado. Que em momentos se confundem. Imagens que em determinado momento se mesclam, entre a realidade, invenção e sonho.



SEM TÍTULO I, SÉRIE PAISAGENS INVENTADAS

2018

Fotografia analógica - filme 35mm. Impressão jato de tinta com pigmentos naturais
40 cm x 60 cm

FLAVYA MUTRAN PEREIRA (Marabá-PA, 1968)

Formada em Arquitetura e Urbanismo com Especialização em Semiótica e Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. É Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha profissionalmente como Repórter Fotográfico desde 1989. Tem participado de publicações em coletâneas nacionais e internacionais sobre fotografia contemporânea brasileira. Em 2010, sua pesquisa de Mestrado recebeu o XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, na categoria Pesquisa, Experimentação e Criação em Linguagem Fotográfica.

Praia Invernal (2017/2019) faz parte de um conjunto de oito assemblages digitais que mesclam fotografias de ambientes climatizados artificialmente com planos a céu e mar abertos. Quartos e salas geladas invadidos por praias, igarapés e banhistas, numa representação visual do desejo de sair de si, de retirar-se em pensamento para lugares que não sejam o seu próprio corpo e tempo. O conjunto integra a série THERE'S NO PLACE LIKE 127.0.0.1, iniciado em 2009, que aborda de diferentes formas a diluição de fronteiras entre os territórios público e o privado a partir de autorrepresentações em web.

PRAIA INVERNAL, SÉRIE THERE'S NO PLACE LIKE 127.0.0.1

2017/2019

Assemblage digital impressa em pigmentos minerais / jato de tinta UltraChrome K3 em papel Epson Enchanced Matte

Tiragem 02/05

70 cm x 90 cm



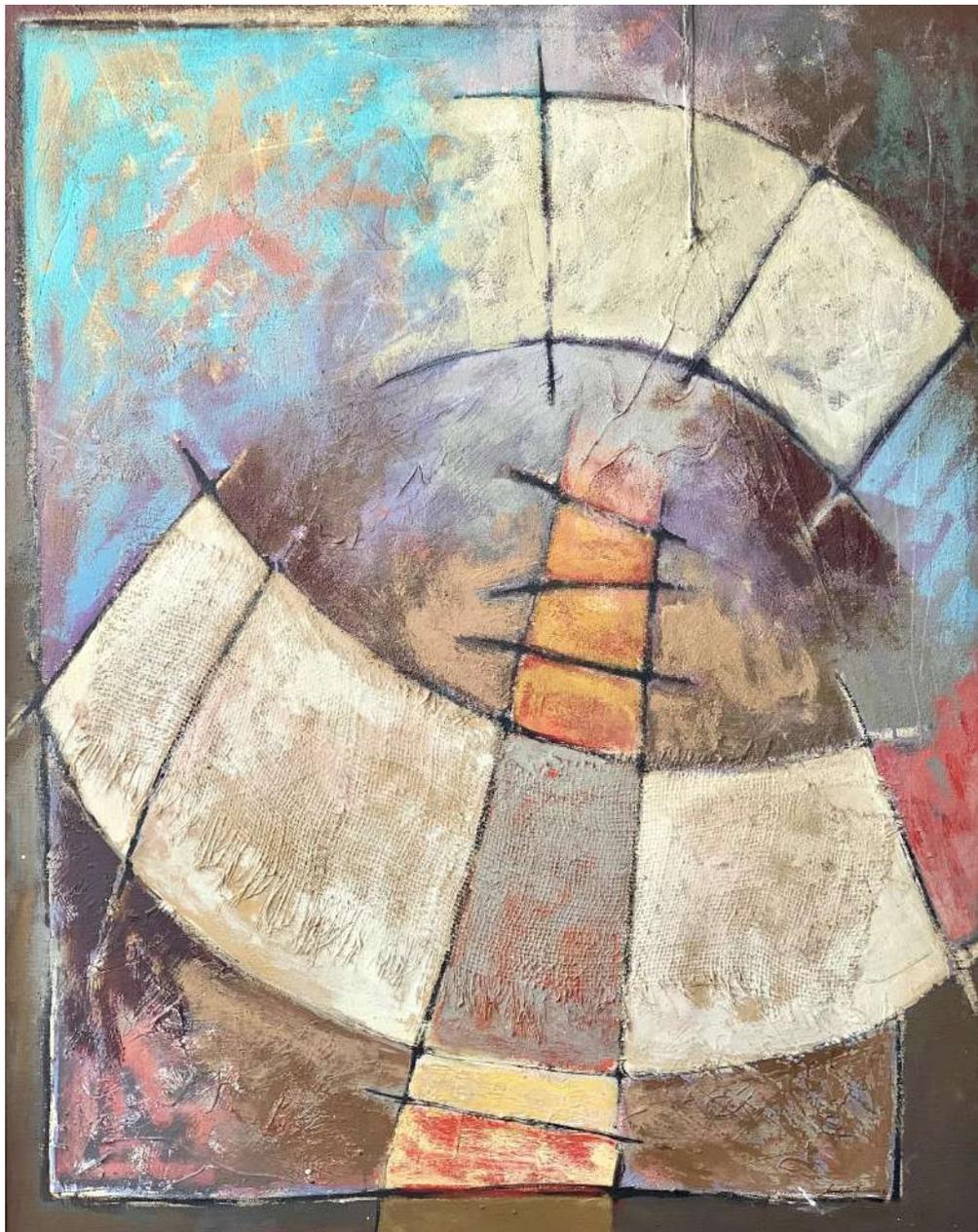
gerald
teixeira

GERALDO TEIXEIRA DA COSTA FILHO (Belém-PA, 1953)

Iniciou sua carreira em 1975 e participou de várias exposições individuais e coletivas no Brasil, Estados Unidos e Europa. Possui obras em acervos de vários museus brasileiros. Fundador da Associação dos Artistas Plásticos do Pará, foi curador geral do Salão Paraense de Arte Contemporânea-SPAC. Utiliza em suas pinturas a encáustica, cujo processo artístico reúne referenciais culturais clássicos ao experimental contemporâneo. Além da pintura, trabalha no campo tridimensional, utilizando madeira, alumínio, ferro e vidro em suas obras.

(...) as pinturas de Geraldo Teixeira apresentam imagens carregadas de metáforas. Nelas, as grades de ferro, as torres, as portadas, os vermelhos contundentes e os tons de amarelo são os indicadores de que, embora respirando o tempo passado, o artista está em harmonia com o tempo presente, por se conciliar com ações que encontram suporte e significação no contexto dessa Cidade. Os quadrados, os retângulos, os triângulos e as ovais não escondem, nem conseguem disfarçar os símbolos de uma pintura regional, gerada em formas que rimam os versos de uma beleza mutilada, sofrida e (quase) esquecida. Geraldo Teixeira despojando-se intencionalmente dos arrematamentos sugeridos pela paisagem urbana, salienta apenas detalhes essenciais de uma “arquitetura velha”, cujas formas se estruturam por contrastes (...)

Gileno Chaves, sobre a série Janelas, da qual essa obra faz parte (1988)



SEM TÍTULO
1996
Mista s/tela
132 cm x 107 cm

GUY BENCHIMOL DE VELOSO (Belém-PA, 1969)

Bacharel em Direito. Em 2011 foi curador-chefe de Fotografia Contemporânea Brasileira na 29ª Bienal Europalia Arts Festival, em Bruxelas. Sua obra faz parte do acervo de várias instituições espalhadas pelo mundo. A partir de 1998 começou um projeto de documentação de romeiros no sertão do Nordeste "Entre a Fé e a Febre: Retratos". Em 2012 inicia pesquisa sobre grupos Penitentes do país, no qual mantém trabalho paralelo até hoje. O tema principal de suas fotografias é a religiosidade e retratam procissões e cerimônias religiosas das cinco regiões do Brasil e até no exterior, como no caminho de Santiago de Compostela na Espanha e também na Índia em 1994, quando teve a oportunidade de fotografar o líder religioso Sathya Sai Baba e o 14º Dalai Lama. Em 2016 lançou o livro "Guy Veloso", Coleção Ipsis de Fotografia Brasileira, com curadoria de Eder Chiodetto.

Entre a Fé e a Febre é um ensaio poderoso que remonta em pleno século XXI tradições esquecidas pelos habitantes das grandes cidades. A fotografia aqui atende a duas premissas muito caras à produção contemporânea: o poético e a documentação. Seu discurso imagético é uma navegação por manifestações populares do Brasil profundo.

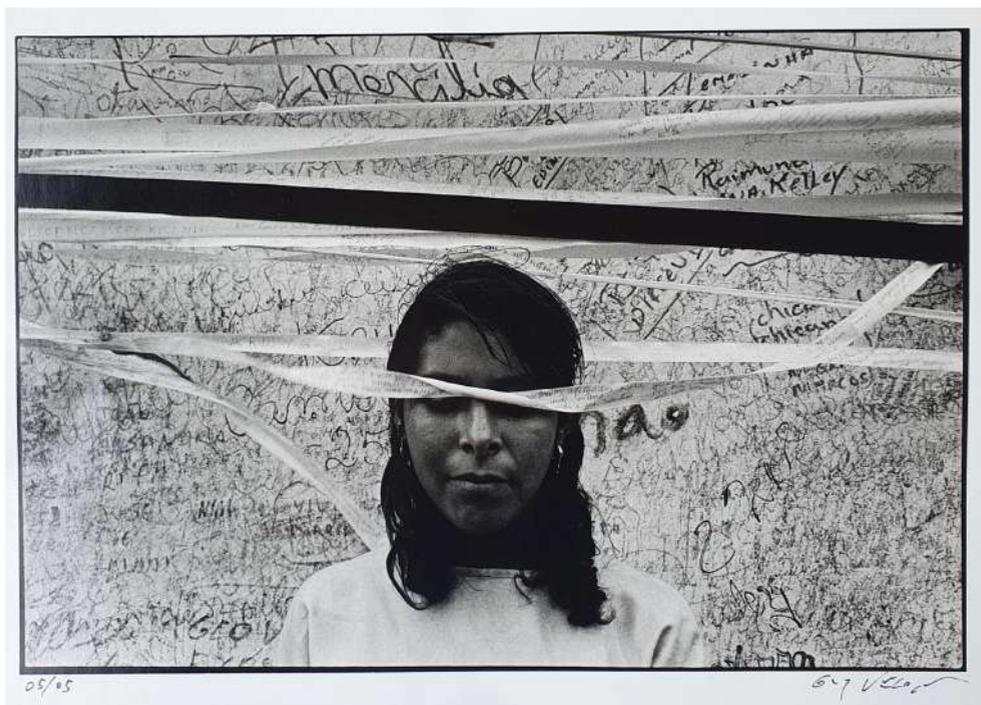
Algumas dessas práticas remontam à Idade Média, como as ordens de penitentes que saem em procissão encapuzados e envoltos em mantos brancos noite à dentro – certas irmandades, inclusive, mantêm a autoflagelação. Há também o catolicismo laico da população rural em suas peregrinações periódicas.

O Vale do amanhecer, comunidade religiosa fundada nos anos 80, é um dos temas da produção de Veloso. A tessitura da imagem e sua força poética não só registraram, transformaram o momento em um *punctum*, conceito de Roland Barthes, perfeitamente aplicável: cada leitor verá uma centelha de luz, cada leitor destacará um fragmento das indumentárias, cada leitor tomará para si a fotografia da forma que desejar.

A captação das imagens, iniciada em 1998, foi feita exclusivamente com câmeras analógicas e durou sete anos. Contou com um complexo estudo prévio, exaustivas negociações com grupos religiosos fechados ou mesmo secretos – alguns aqui pela primeira vez expostos ao público – e visitas sistemáticas a oito Estados brasileiros em épocas específicas de festas, procissões, rituais e romarias.

A este labor foi acrescida a codificação das fotografias no tempo e espaço, o registro fonográfico de cânticos e a captação de depoimentos em vídeo. Todo esse percurso gerou uma coletânea de fontes primárias em religiosidade popular brasileira. A partir de 2010, 03 das fotografias da série passaram a fazer parte da Coleção Pirelli-Masp. Com o término do ensaio de retratos em preto e branco, Veloso passou a se dedicar exclusivamente à cor.

Entre a Fé e a Febre tem como base a fé, porém, a transcende. Um ensaio no qual a estética é laboriosamente acimentada, embora suplantada pela força desconcertante dessas imagens. Um trabalho de cuidadosa produção e pesquisa que adentra à antropologia, no entanto, salta dela em um vôo de íbis para pousar na arte em seu mais elevado potamar. Veloso nos mostra um "estranhamento" do mundo – pois é assim que ele o vê.



SEM TÍTULO, SÉRIE ENTRE A FÉ E A FEBRE
2004
Fotografia. Cópia química 5/5 + 2 P.A.
30 cm x 40 cm

haroldo
baleixe

HAROLDO BALEIXE DA COSTA (Belém-PA, 1962)

Artista Plástico, designer gráfico e docente da UFPA nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo e Artes Plásticas. Seus desenhos e aquarelas estiveram presentes em diversas exposições na década de 80, principalmente a partir de 1986, após o curso realizado com Gonçalo Ivo no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foi selecionado em salões de arte em vários estados, conquistando prêmios nos salões Arte Pará (PA), Olinda (PE) e Santo André (SP).



SEM TÍTULO
2014
Aquarela
26 cm x 18 cm

henrique
montagne

HENRIQUE MONTAGNE FIGUEIRA (Belém-PA, 1997)

Possui Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É artista visual multimídia, curador, produtor e pesquisador em arte. Constrói trabalhos que trazem por vezes narrativas auto ficcionais em torno das relações afetivas e sexuais do corpo masculino em uma perspectiva queer. Trazendo reflexões sobre gênero, masculinidade, jogos de poder, amor, solidão, identidade, amor, cultura pop e o avanço da tecnologia refletindo o relacionar das pessoas na sociedade contemporânea. Trabalha com diversas linguagens das artes visuais, como novas medias, video, performance art, fotografia, instalação, site specific, texto, desenho.

Nas minhas obras de desenho, trato um estudo sobre o masculino; Experiências e observações sobre a masculinidade em um olhar queer ou desviante. "Mister Blowjob", é uma obra de desenho que parte de apropriação de um corpo padrão e másculo em um estereotipo de beleza, o corpo como vencedor exhibe seu troféu, que no caso é um dildo (consolo). O corpo ali foge a heteronormatividade de forma irônica por este desvio cômico da imagem. Blowjob é um termo inglês para sexo oral no pênis. O corpo de mister foge a norma com uma atitude colocada como 'viada' ao olhar da héteronorma.

Henrique Montagne (Nov/21)



MISTER BLOWJOB
2020
Nanquim s/papel
39,5 cm x 34 cm

IGOR FELIPE SANTOS DE OLIVEIRA (Belém-PA, 1991)

Trabalha técnicas de stencil, spray e tinta guache. Seu trabalho "Casas Flutuantes" foi premiado no 23º Salão de Arte CCBEU – Primeiros Passos. É membro da CRC desde 2013 e foi artista residente do Ateliê 497B. Participou em 2016 do projeto 10Pintados, com trabalhos desenvolvidos em Arte Urbana pela cidade de Belém. Ministrou diversas oficinas, inclusive na Fundação Curro Velho. Suas obras estão intimamente ligadas à memória, vivência e lugares, permeadas pela fantasia e imaginação.

O encontro com rei emburrado

Certa noite voltando do ateliê, desci do ônibus próximo a rua da minha casa e segui caminhando, ao chegar próximo ao meio do quarteirão me deparei com um garoto sentado a porta da sua casa, me olhando com cara emburrada, e na cabeça uma grande coroa dourada, diferente de todas que já havia visto, ao lado dele um senhor provavelmente seu avô. Segui caminhando e o garoto seguiu me encarando com cara emburrada, aquela cena me levou para um outro lugar, lugar mental, era como ver algo mágico, encantador, sim era mágico, chegando em casa fui dormir mas aquela cena não saía da minha mente foi então que resolvi desenhar.

Bem-te-vi

Durante um momento da minha vida um bem-te-vi me acordava com o canto dele, era algo mágico acordar com aquele canto, abrir os olhos ver os raios de sol que entravam pelo telhado da minha casa sem forro, algo semelhante ao sol por entre as folhas, às vezes acordava desse jeito e pensava ser um sonho.



ENCONTRO COM O REI EMBURRADO
2015
Stencil e Spray s/tijolo
23 cm x 11 cm x 8 cm



BEM-TE-VI
2015
Stencil e Spray s/tijolo
23 cm x 11 cm x 8 cm

IZA GIRARD (Belém-PA, 1961)

Fotógrafa. Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia. Participou de várias mostras e exposições coletivas no SESC, FotoAtiva, Curro Velho, Casa das Artes e TJE/PA. Em 2015 foi premiada com o 2º lugar no Salão Primeiros Passos, do CCBEU e, por duas vezes, o primeiro prêmio no Foto Cine Clube Grão. Sua obra é um mergulho nas metáforas da vida, na condição humana, na existência dos seres, no propósito das coisas e, principalmente, na sua própria relação com o mundo. Seu trabalho aborda como tema a simplicidade cotidiana da vida das pessoas, que procura captar em sua cartografia afetiva “as suas singularidades, seus movimentos, seus espaços de moradia e trabalho, suas culturas, religiosidades e lazer.

Uma folha caída e o tempo de percepção e ressignificação em múltiplas representações, flertando - entre o drama no interior de cada um e a serenidade do lugar - com a efemeridade, a impermanência, numa busca afetuosa e incessante em preservar o percurso e o objeto da emoção sentida, que de imediato quase não se estampa.



O CHÃO É O CÉU

S/D

Fotografia impressa em papel Hahnemühle Photo Matt Fibre 200

20 cm x 30 cm

JOÃO PINTO MARTINS (Belém-PA, 1911-1991)

Escultor, pintor, desenhista e cenógrafo. Estudou pintura e modelagem com o Adalberto Lassance Cunha. Considerado um dos maiores escultores paraenses, trabalhou com mármore, madeira, alumínio, cobre, bronze e argila. Artista versátil, produziu caricaturas, pinturas, murais e esculturas. Deixou importantes painéis, com paisagens e temática do cotidiano local, pintados na técnica de afresco. O tema preferido de sua extensa obra é a figura da mulher. Recebeu o 1º Prêmio de escultura no 1º Salão de Artes Plásticas da Universidade Federal do Pará (1963). Em 1977, sua obra foi exposta no Museu do Homem, em Paris, em exposição coletiva de artistas paraenses. É o autor da berlinda atualmente usada no Círio de N. Sra. de Nazaré.

João Pinto possuía uma forma peculiar de modelar suas esculturas. Inicialmente moldava a peça utilizando isopor, colocando posteriormente em uma caixa de cerâmica, onde derramava bronze ou alumínio derretidos. Após a peça esfriar, gradativamente ia aperfeiçoando com seus toques. O corpo feminino esteve presente em grande parte de sua obra escultórica, pois além desta habilidade, também foi desenhista e pintor. Suas esculturas estão presentes em vários estados brasileiros e no exterior. Em Belém, é possível ver suas obras no Bosque Rodrigues Alves, Mangal das Garças e na entrada da Assembleia Legislativa.



SEM TÍTULO
1988
Escultura em metal s/base de madeira
28 cm x 17 cm x 11 cm

JOÃO CARLOS TORRES DA SILVA (Belém-PA, 1953)

Designer, Gravador, Pintor, Escultor e Educador. Especialista em Estudos Culturais da Amazônia. Desenvolve experiências pedagógicas em parceria com instituições que atuam em projetos sociais, além de pesquisas com matérias biodegradáveis para a criação de design e a produção dos seus trabalhos. Participou de inúmeras mostras, salões e bienais, sendo premiado diversas vezes.

A obra consiste em um objeto pictórico, onde foi utilizado diversos elementos, como madeira, ferro, cera e a técnica de encaustica. O título é oriundo dos artistas da Idade Média, de classes mais humildes, que atuavam e ganhavam a vida nas praças públicas e nos castelos, divertindo o público com sátiras, mágicas, acrobacias, poemas e mímicas. A proposta foi trazer uma provocação com o pensamento da poesia local e regional, fazendo também um contraponto ao indígena.



JOGRAL
2019
Objeto. Madeira, acrílica, metal e cera
110 cm x 14 cm

JORGE EIRÓ LEAL DA SILVA (Belém-PA, 1960)

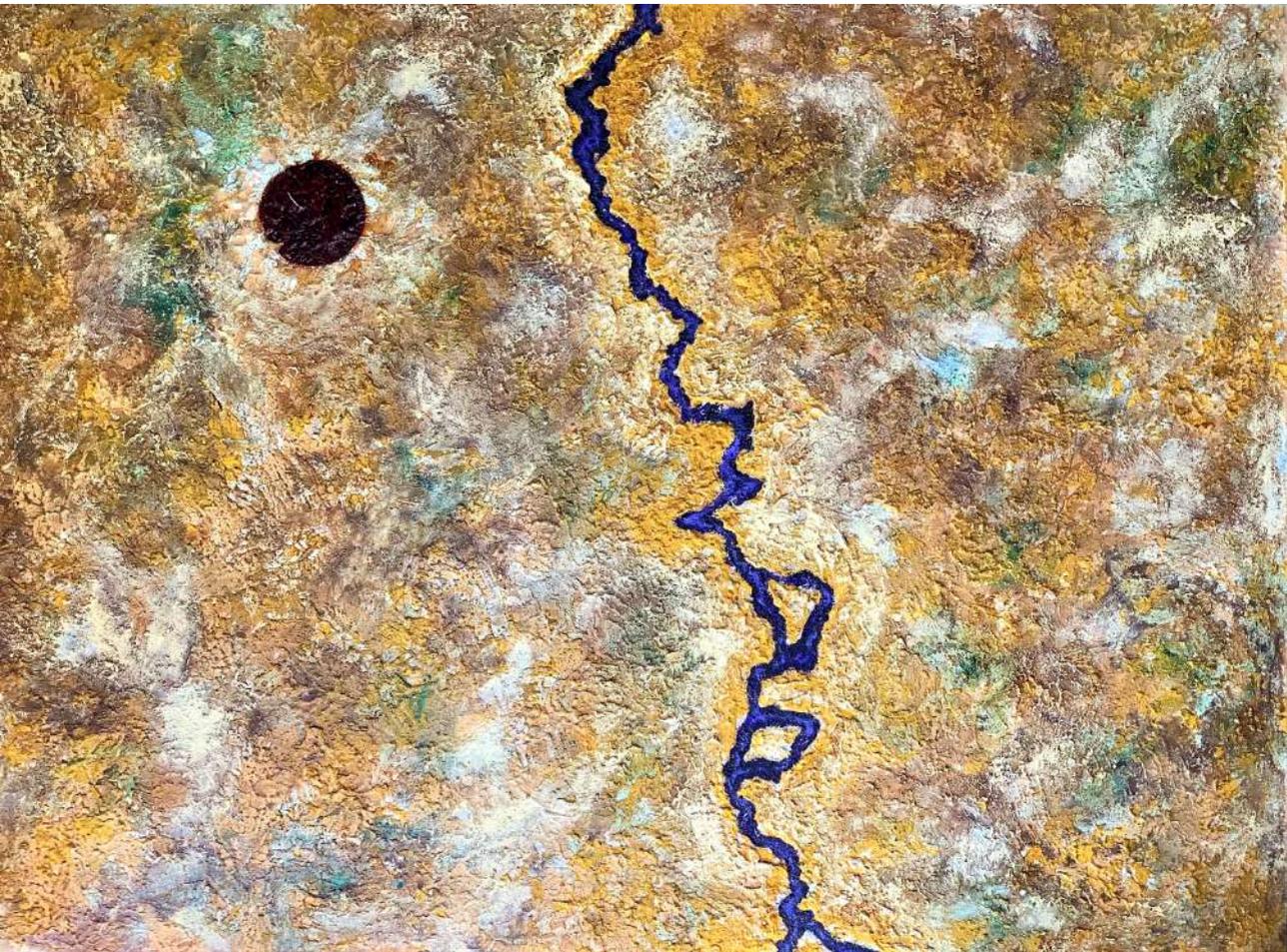
Arquiteto. Mestre e Doutor em Educação. Especialista em Ensino Superior. Professor-Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA. Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA e Professor dos Cursos de Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo da UNAMA. Artista plástico com intensa atuação no cenário artístico-cultural do Pará, realizou exposições individuais e participou de várias mostras coletivas. Executou trabalhos de curadoria em exposições de artes visuais em Belém. Dirigiu a Casa da Memória (2000 a 2008). Publicou os livros: "Quintais do Tempo" (Poesia, 1990) e "Escritura Exposta" (Artigos, Crônicas e Ensaios sobre Arte Contemporânea Paraense, 2006).



CASA CORAÇÃO
2011
Mista s/tela
183 cm x 90 cm

A tela "CASA CORAÇÃO" foi especialmente concebida para integrar o ambiente da Sol Informática na 1 CasaCor Belém, em 2011. A imagem do coração é um elemento que, há muito, faz parte da minha iconografia. Neste caso, eu retomava essa imagem para dar um sentido de que o coração é a casa que guarda os nossos afetos e, a partir dele, irradia-se mundo afora. Daí que, na tela, o coração explode em um vermelho-sangue, na forma de um splash que se espalha por toda a tela e além dela. Desse modo, a casa-coração é como "A Cabana" do poeta Max Martins que nos diz: "tua casa não é lugar de ficar, mas de ter de onde se ir". Minha/nossa "Casa Coração" é uma cabana de afetos, com suas portas abertas ao mundo.

Jorge Eiró (Nov/21)



XINGU (SÉRIE LABIRINTOS LÍQUIDOS)

2004

Acrílica s/ tela e areia do Rio Xingu colada em placa
150 cm x 200 cm

“...Foi quando eu vi pela primeira vez as tais ‘cartografias’... Por mais distante, o errante navegante, quem jamais te esqueceria...” O curso sinuoso do Rio Xingu, que corta o Estado do Pará, correndo de sul ao norte até encontrar o Amazonas, me encheu os olhos quando vi aquelas impressionantes imagens de satélite em alta resolução. Estava em meio à pesquisa

de imagens da série “Labirinto Líquido”, contemplada com a bolsa de pesquisa, experimentação e criação artística do então Instituto de Artes do Pará, em 2004. Foi quando eu resolvi levar para a tela aquela imagem, pintando-a numa grande superfície de 200 x 150 cm em compensado naval. Com base acrílica, à tinta foram incorporados vários materiais, dentre outros: cola branca, resina, cimento e areia trazida do leito do Xingu por uma amiga.

No centro da tela, a silhueta do Xingu serpenteando sobre a vasta Amazônia. Me chamava especial atenção o tal “S” do traçado do rio que, naquele momento, era objeto de polêmica por conta dos estudos iniciais da hidrelétrica de Belo Monte que viria a ser construída naquela área. Sobre camadas e camadas de tinta e outros agregados, refleti durante dias sobre a pintura, pensando de que forma poderia assinalar na obra um ponto crítico sobre o assunto.

Acabei por optar em não demarcar nada sobre o mapa do rio e deixá-lo absolutamente íntegro, imaculado, sem qualquer vestígio da agressão do homem. Pleno em seu elegante traçado original, em seu fluxo hídrico vital, sereno em sua natureza ancestral. E assim ficou.

Ave, Xingu!

LISE OLIVEIRA DACIER LOBATO (Belém-PA, 1963)

Licenciada em Educação Artística pela Universidade da Amazônia e especialista em Semiótica e Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Seus trabalhos incluem desenhos, pinturas, objetos, instalações. Dentre as exposições individuais estão: “Quarta Ocupação” (2001), “O Silêncio do Branco” (2002), “O Que tu Guardas” (2004), “Meu Quintal é do Mundo” (2006) e “Nas Águas do Arari” (Prêmio de Artes Visuais do Banco da Amazônia, 2008).

Essas obras fazem parte de uma individual chamada “O que tu guardas”, onde apresentei uma série de mais de 50 objetos, todos costurados com linhas, tecido e acrílico. O trabalho começou em um plano bidimensional, inicialmente em um papel, com sobrecamadas, que foram se somando até chegar nesse volume, quando eles passam a ser um objeto. Quando eles estão no papel, eu quero falar sobre a terra, o que está debaixo da terra, aqueles artefatos da cerâmica marajoara que saltam dali contando uma história. Quando eles passam para o plano tridimensional, que é o objeto, eles se materializam de uma outra forma. Nessas novas formas, eles se ressignificam e mostram uma coisa mais orgânica. Essa série foi premiada em Mato Grosso. Algumas peças estão em acervos no Rio de Janeiro, no Museu Casa das Onze Janelas e no Museu do Estado do Pará. Gosto de levantar as folhas e ver o que está ali debaixo. Lembro que o Paulo Herkenhoff, quando viu as obras, falou: “Isso tem a ver com gerar”. Mesmo que eu fale da terra, a terra também guarda essa semente que gera.



SEM TÍTULO
2003

Objetos - Tecido, linha, acrílico, tachinha, parafuso e cerâmica
23 cm x 14 cm / 13 cm x 11 cm (Dimensões variadas)

luciano
oliveira

LUCIANO PINTO CÉSAR DE OLIVEIRA (Belém-PA, 1960)

Docente do curso de Educação Artística do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, nas disciplinas Desenho I e Materiais Expressivos II e Desenho e Plástica IV no curso de Arquitetura e Urbanismo. Além de artista plástico, é formado em Arquitetura. Foi premiado com 1º lugar no Concurso para o desenho da medalha comemorativa dos 25 anos da UFPA (em co-autoria com Jorge Eiró).

Faz tempo...
Os três moleques da pelada do "Bomba".
Shortão no rendengue e pose pra 3x4.
Era só luz e a cor da alegria.

Luciano Oliveira (Nov/21)



SEM TÍTULO
1984
Mista s/papel colado em placa
30 cm x 30 cm

Luiz
braga

LUIZ OTÁVIO SALAMEH BRAGA (Belém-PA, 1956)

Iniciou-se na fotografia aos 11 anos. Até 1981, desenvolveu trabalhos em preto e branco. Após essa fase, encanta-se com a cor da visibilidade popular amazônica. Aliando as possibilidades de confronto entre a luz natural e a luz dos bares, parques e barcos populares amazônicos, foi premiado com o “Leopold Godowsky Color Photography Awards”, pela Boston University (1991). Obteve a Bolsa Vitae de Artes, viabilizando o trabalho “Amazônia Intimista” (1996). Em 2003 foi o artista homenageado no XXI Salão Arte Pará e recebeu o Prêmio Porto Seguro Brasil. Realizou mais de 200 exposições entre individuais e coletivas no Brasil e no exterior, e suas fotografias compõem importantes coleções privadas e públicas, sendo referência na fotografia brasileira contemporânea.

No texto de Luiz Braga, publicado em seu perfil no Instagram: “O balão foge sobre o poente de BH, será bela a noite que cai. Essa imagem foi feita na Praça do Papa em 2007”. A imagem foi escolhida pelo curador Eder Chiodetto e doada por Luiz Braga para o Clube de Colecionadores de Fotografia do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21) a partir do post do artista



BALÃO EM BH
2007/2008
Fotografia. Impressão digital s/papel fotográfico 6/100
43 cm x 63,5 cm

marcone
moreira

MARCONE JOSÉ MOREIRA (Pio XII-MA, 1982)

Sua obra abrange várias linguagens, como pinturas, esculturas, vídeos, objetos, fotografias e instalações, relacionados à memória de materiais gastos (embarcações, carrocerias, utensílios de trabalho) e impregnados de significados culturalmente construídos. Desenvolve uma metodologia de trabalho onde interessa a troca simbólica de materiais, a apropriação e deslocamento, que visam à ressignificação da “cultura popular” no circuito econômico da “arte contemporânea”. Indicado ao Prêmio PIPA em 2012, 2013, 2014, 2016 e 2018. Prêmio Marcondonio Vilaça, CNI/Sesi (2011); Prêmio Marcondonio Vilaça/FUNARTE (2010); Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística pelo Instituto de Artes do Pará (2009); XV Salão da Bahia (2008); dentre outros.

Marcone Moreira é um artista das artes plásticas no norte do Brasil. O trabalho do artista incide no processo construtivo e na confluência que atravessa materiais que são descartados de madeiras de barcos, carrocerias de caminhão, portas de ferro ou nylon de sacolas. Marcone opera com materiais fragmentários, e adota procedimentos que se desviam e se afastam de normas técnicas. Neste sentido, o artista é um construtor bricoleur que trabalha com as próprias mãos coletando e resignificando ao redefinir o objeto de investigação em que adota uma ontologia relacional a partir da ordenação de planos desses materiais e cores que, naturalmente já fazem parte da natureza desses materiais recolhidos em lugares de intensa movimentação de pessoas e cargas onde se cruzam rios, a rodovia Transamazônica e a ferrovia Carajás.

Vânia Leal (Nov/21)



SEM TÍTULO, SÉRIE IMENSIDÃO
2021
Madeira de embarcação
25 cm x 15 cm (cada)

marinaldo santos

MARINALDO SILVA DOS SANTOS (Belém-PA, 1961)

Artista plástico, pintor e desenhista autodidata, estudava em escola do SESI, e aos 12 anos trabalhava em uma fábrica de castanhas. Depois, em tempos difíceis, numa serraria recolhendo o pó da madeira. Aos 15 já saiu de casa vivendo por sua conta, num certo período distribuindo a Folha do Norte, até começar a expor em coletivas no Pará a partir de 1983, assim como apresentando-se em individual pela primeira vez em Belém, na Galeria Elf, em 1985. A partir daí, passou a realizar exposições individuais e coletivas, participando de mostras em todo o país e no exterior (Alemanha, Estados Unidos, Holanda, França). Recebeu inúmeros prêmios, entre eles o Grande Prêmio do Salão de Artes do Pará.

Esse trabalho faz parte de uma série que compreende os anos 80/90, que busquei trazer a questão dos animais, da Amazônia e das queimadas para o planeta, algo que me preocupa desde essa época. É um trabalho bem colorido e com várias colagens - algo que usei bastante no início da minha carreira e que é muito representativo para mim. Essa representação do peixe voador é algo que gosto imensamente, por ter muito a ver com as cores urbanas e do subúrbio.

Marinaldo Santos (Nov/21)



PEIXE VOADOR
S/D (DEC. 80)
Mista s/papel
45 cm x 26 cm

miguel
chikaoka

MIGUEL TAKAO CHIKAOKA (Registro-SP, 1950)

Engenheiro. Vive em Belém desde 1980, onde passou a desenvolver intensa atividade como fotojornalista, colaborando com a Agência F/4 (1981-1991) e com a N Imagens (1991-1994). Fundou a Associação Fotoativa (1983) e a Agência Kamara Kó Fotografias. Seu trabalho exerce profunda influência sobre toda uma geração de fotógrafos paraenses, desde o Foto-Varal - projeto com exposições alternativas em locais públicos. Suas obras transitam entre imagens, instalações e objetos de caráter conceitual, pautados na experiência de re ligação dos sentidos. Recebeu em 2012 o Prêmio Brasil Fotografia e a Comenda da Ordem do Mérito Cultural. Foi um dos vencedores do 7º Prêmio Marcantonio Vilaça/FUNARTE (2014), incorporando suas obras para o Museu Casa das Onze Janelas, objetivando contribuir com a memória e a difusão da fotografia contemporânea do Pará.

Imaginário

o dia? não me lembro ...
verão , com certeza.

noite afora,
no embalo das ondas
sonoras do Imaginário
a fluidez de corpos em pleno gozo .

Miguel Chikaoka (Nov./21)



SEM TÍTULO, SÉRIE ANOS 90

90 /2020

Fotografia analógica - cromo, Impressão jato de tinta com pigmentos naturais, tiragem nr 1
30 cm x 40 cm

RONALDO GOMES MISTRAL VILHENA (Macapá-AP, 1968)

Artista Plástico nascido em Macapá e radicado em Belém. Estudou desenho na Universidade Federal de Goiás, na década de 80, em coletivas dos projetos “O povo vai à Praça” e “Arte Paixão”/SECULT, iniciou sua trajetória profissional. Foi premiado no XIV Salão Arte Pará, V Salão UNAMA de Pequenos Formatos e no III Salão de Arte Contemporânea de São Carlos. Durante a década de 1990 e 2000 pesquisou as relações entre o profano e o sagrado, utilizando alguns elementos desse universo como estrutura ou imagens de referência para desenhos e pinturas.



SEM TÍTULO
1994
Mista s/papel artesanal
22 cm x 31 cm

Os desenhos da página seguinte fazem parte de uma série iniciada pelo artista em meados de 2006 até 2009, onde os corpos humanos foram sendo gradativamente decompostos, mostrando a fragmentação do ser humano. Nesse processo, Mistral foi sobrepondo papéis, onde os cortes e as cores serviram para segmentar partes do corpo. Além disso, a inserção de textos e palavras nas obras, de forma a nominar ou mesmo indicar aspectos ali representados começaram a ficar mais presentes em seus trabalhos. A presença da figura humana, mais sexualizada, também é bastante presente em sua obra.



CABEÇAS LOUCAS
2008
Mista s/papel
123 cm x 46 cm



HOMEM BOMBA
2008
Mista s/papel
123 cm x 46 cm

ANTONINA MARIA DE NAZARÉ DIAS MATOS (Abaetetuba-PA, 1964)

Formada em Artes Plásticas pela UFPA, realizou cursos com Paul Rhymer e Leda Catunda. Iniciou sua carreira em 1990, tendo participado de diversas coletivas e salões, incluindo premiações no Arte Pará, Salão Unama de Pequenos Formatos e Salão da Paraíba. Recebeu bolsa de estudo do Ministério da Cultura da Espanha para cursar arte em Madri (2005) e foi selecionada no Projeto Rumos Visuais do Itaú Cultural (2006). Coordenou a Galeria Municipal de Arte, dirigiu o Museu de Arte de Belém (2002/2004) e o Museu Casa das Onze Janelas (2007/2010), onde instituiu o Prêmio SIM de Artes Visuais. Atuou no Conselho Nacional de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura como Conselheira Titular de Artes Visuais (2011 a 2014).

“Manhã Gloriosa”, pintura mista sobre tela, integrou a exposição “Aniversário de Dois” de 2014. Uma mostra individual da artista, cujo o tema central surgiu da percepção da lembrança de um fragmento poético, que descortinou possibilidades de ensaios sobre relações afetivas, onde as ideias de obras remeteram à situações onde o amor poderia estar presente, com estados d’alma carregados de ambivalências, desejos, carências, plenitude, silêncios e demais aspectos subjetivos presentes em distintas relações de afeto que possuem como característica determinante, uma considerável condição de tempo e familiaridade. Sendo assim, o conjunto de pinturas dessa exposição gravitaram em torno de um mesmo território, de sentimentos relacionados à distintas formas de amor, sem obviamente, conseguir dar conta de uma ideia explicativa sobre o assunto, algo impossível de ser reduzido, mas, a proposição de ensaios pictóricos que carregaram em si, subjetividades que permeiam várias situações de relacionamentos afetivos, falando de histórias comuns que pertencem à cada um. Onde a pessoalidade da artista está presente, fazendo com que se aproxime do que pertence ao coletivo, porque talvez todos amam da mesma forma, todos sentem as mesmas dores, repetem e rememoram experiências pessoais de vida, no campo dos afetos.

aniversário de dois



MANHÃ GLORIOSA, SÉRIE ANIVERSÁRIO DE DOIS
2014
Óleo s/tela
80 cm x 60 cm

OSMAR PINHEIRO JUNIOR (Belém-PA, 1950 - São Paulo-SP, 2006)

Pintor e professor. Recebeu o 4º prêmio do I Salão Cultural do Estado do Pará (1966), e o 1º prêmio do Salão Banco Lar Brasileiro (1969). Participou do Salão da Pré Bienal de São Paulo, em Belém, em 1970, e da XII Bienal de São Paulo, em 1973. Entre 1982 e 1986, é representante do Pará no II Simpósio Nacional de Artes Plásticas, em Olinda. Foi o autor de um projeto para a Funarte sobre a visualidade amazônica. Em 1985, mudou-se para São Paulo, vindo a expor na II Bienal de Havana, em Cuba. Em 1988, recebeu a bolsa do Guggenheim Foundation (NY). Em 1991 e 1992, é convidado a acompanhar as atividades da Hochschule der Kuenste de Berlim. Expôs na XXI Bienal de São Paulo (1992) e na VI Bienal Internacional de Pintura, em Cuenca, Equador, (1998). Em 2003 criou com o pintor Marco Giannotti (1966), a Oficina Virgílio, em São Paulo, núcleo de ensino e pesquisa em arte.

A pesquisa que Osmar Pinheiro desenvolveu algumas décadas atrás das cores que utilizadas pelos interioranos determinou por um bom período a cor da sua pintura. Essa pesquisa meticulosa levou-o a observar o verde combinado ao azul, ao rosa, ora cores vibrantes, ora já desbotadas, esmaecidas, pelas chuvas intensas, e daí gerou uma série de trabalhos sobre tapumes, sobre cores sobrepostas, como se a vida tivesse ditado aquela superposição, aquele abstrato concreto, tramado pelo pincel do artista. Essa concepção de cor é a resposta pela fase que o artista vivencia, onde formas geométricas estão desenhadas, literalmente desenhadas, sobre fundos que são manchas, que são abstrações, que são exercício de cor e de mistura de cores. Não existe outro sentido nesses trabalhos, que não a reconstrução do universo. As formas geométricas apontam para direções que podem ser lidas como a direção que a sociedade toma. É difícil compreender sem ver o total da obra do artista, que por vezes dilacera a tela, reparte-a em mil pedaços e reconstrói todo o universo. Reconstruir o universo é dever de todo artista. A reconstrução, como lembrou Francisco Paulo Mendes, é dever do pintor. A reconstrução em Osmar tornou o caminho lógico. Começou por observar a degeneração, a busca do que encontrava-se em processo de morte, e transformou, agora em tons mais suaves, pastéis que mesclam em manchas, formação do universo, para essa reconstrução mais que urgente.

Claudio de La Rocque Leal, A Transição (1995)

PABLO JOSÉ DE SOUZA MUFARREJ (Belém-PA, 1982)

Graduado em Educação Artística e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua como técnico em gestão cultural da Fundação Cultural do Pará, professor da disciplina Arte pela Secretaria de Estado de Educação (PA), pesquisador e curador independente. Atualmente desenvolve pesquisas prático/reflexivas em Arte Contemporânea, tendo as ideias de fragmento, espaço-tempo, vestígio e acúmulo como motes para investigações poéticas nas mais variadas técnicas, suportes, espaços, exposições e projetos de ensino. Participou de exposições coletivas no Brasil e no exterior. Foi bolsista do Instituto de Artes do Pará - IAP em 2007 e premiado em diversos salões de arte, entre eles Arte Pará e Salão Unama de Pequenos Formatos.

Trata-se de um fragmento/obra da série Eu, O Horizonte e Minha Caverna. Seu título atua como uma espécie de formulação/conceito. Nestes arranjos compositivos, busco reunir variados vestígios de pensamentos, próprios de minhas investigações.

O imagético de EHC se institui pela combinação cumulativa. São metáforas físicas para minhas ideias em torno do fragmento, representações ficcionais do pensamento contemporâneo multifacetado. Estas obras também funcionam como planos bidimensionais, advindos dos meus livros de artista. Imagens recolhidas no quintal da infância, planos, plantas, imagens ancestrais, imagens enciclopédicas, cores...transcodificação para os meus estudos sobre as bordas e o experiencial fenomenológico, evocações às forças do sensível. Eu, O Horizonte e Minha Caverna é uma série de procedimentos artísticos iniciada por Pablo Mufarrej em 2014, em Belém do Pará. Trata-se de um programa/campo de estudos teórico/práticos/reflexivos em torno das possibilidades de exibição da Arte Contemporânea. A pesquisa tem como foco/objeto estrutural aberto questões relacionadas ao modo de fazer/refletir arte investigando ideias e procedimentos em torno dos conceitos como acúmulo, fragmento, espaço-tempo e vestígio, sendo este último um conceito/mecanismo central deste trabalho, desenvolvido e aplicado na pesquisa como uma ferramenta metodológica, analítica e experiencial para execução de seus desdobramentos teóricos/práticos/reflexivos.



LIVRE INTERPRETAÇÃO PARA STRELITZIA REGINAE / ARQUÉTIPOS PARA O TEMPO (OU)
ELEVÇÃO E HUMILDADDE, SÉRIE EU, O HORIZONTE E MINHA CAVERNA - 4º MOVIMENTO
2020/2021

Papéis coloridos, desenho, grafite, lápis de cor, emott, angelic colour, guache, aquarela,
colagem, fitas e apliques
74,5 cm x 48,5 cm

PAULA GOMES SAMPAIO (Belo Horizonte-MG, 1965)

Começou a fotografar em 1987 e optou pelo fotojornalismo. Frequentou as oficinas da Fotoativa e atuou na Comissão dos Repórteres Fotográficos SINJOR-PA. É graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará e especialista em Comunicação e Semiótica pela PUC-MG. Desde 1990 realiza projetos e ensaios de fotografia sobre as migrações na Amazônia, a partir do cotidiano das comunidades que vivem às margens das grandes estradas abertas na região nos últimos 50 anos, principalmente as rodovias Belém-Brasília e Transamazônica. Além dos projetos de longa duração, constrói séries que são reflexões sobre a natureza e a fragilidade dos seres, nos quais texto e imagem formam um enunciado de ações cotidianas.

A série NÓS não foi um projeto que eu tenha decidido fazer. A fotografia é como a vida. Segue-se o rio e pelo caminho vai tendo encontros. Todas essas séries que hoje eu faço, e que a NÓS foi a primeira, são resultado desses encontros e dos desvios que muitas vezes eu tomei dentro de um caminho principal. A série NÓS é composta por imagens “intrusas” surgiu durante a realização de outros projetos, como a documentação da colonização nas estradas da Amazônia e nas comunidades de remanescentes de quilombos. Aqui, Homens e mulheres sem face, nem nome. Seus rostos se misturam a outros seres, rios, estradas, florestas e as coisas do mundo. Sua identidade se inscreve e se impõe pela força do corpo e da sua relação com o ambiente. Esses seres sem rosto, nem nome, somos NÓS, todos parte de uma natureza só.



BAIXO TOCANTINS-PA, SÉRIE NÓS
2003/2006
Fotografia. Impressão jato de tinta com pigmentos naturais
100 cm x 67 cm

paulo
azevedo

PAULO HENRIQUE M. AZEVEDO (Belém-PA, 1970)

Formado em Arquitetura e artista plástico há quase 30 anos, utiliza suas lembranças afetivas em grande parte de seu trabalho. Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e em galerias europeias, além de receber prêmios em salões como Arte Pará, Arte Jovem de Santos (SP), Salões da Aeronáutica e da Marinha, dentre outros.

Essa obra representa um momento muito bonito da minha vida, porque há uns 15 anos fui convidado para fazer uma exposição em São Paulo e tinha que desenvolver um elemento dentro da minha pintura que não fosse usual naquele momento. E eu não sabia o que fazer. Foi quando eu lembrei que a minha mãe, quando eu era criança, fazia roupa de quadrilhas (e até hoje ela adora rendas).

Então, o nome dessa série é Lembranças, onde eu desenvolvi várias telas baseadas no recorte de coisas que a minha mãe fazia. Eu usei esse recorte como elemento para o meu trabalho. E as rendas traduzem toda a história da minha mãe, que sempre usou e usa rendas em suas roupas, assim, a série foi como uma homenagem à sua memória. De todas as obras que fiz nesse período, três eu gosto em especial. E essa é uma delas.

Paulo Azevedo (Nov/21)



LEMBRANÇAS
2010
Mista s/tela
180 cm x 200 cm

pedro
cunha

PEDRO CUNHA NETO (Fortaleza-CE, 1970)

Graduado em Administração. Natural de Fortaleza (CE), adotou Belém como cidade natal em 1995. Considerado um dos representantes da nova safra da fotografia contemporânea paraense gerada pela Associação Fotoativa, Pedro tem as paisagens urbanas como objeto fotográfico, usando sobreposições, reflexos e composições de imagens. Participou de diversas exposições e salões, como Arte Pará e Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

Gosto de cidades. Em especial de grandes cidades. Admiro os mecanismos de convivência, a logística necessária de funcionamento, o regramento que disciplina o fluxo de pessoas... a inteligência para o uso comum desse grande espaço. Obviamente, as infinitas narrativas possíveis estimulam nossos olhos e a possibilidade de diversas histórias cruzarem nosso campo de visão nos conduzem a "fazer" a imagem. We Are.

Pedro Cunha (Nov/21)



WE ARE
2013
Fotografia. Impressão jato de tinta 2/7 + 2 PA
50 cm x 50 cm

ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA (Belém-PA, 1961)

Iniciou sua carreira nos anos 90, quando encontrou na pichação uma maneira de se expressar. Pouco depois, buscou contato com outras linguagens artísticas. Aprofundou seus estudos na Fundação Curro Velho, com orientação dos artistas plásticos Elieni Tenório, Jair Júnior, Mestre Nato e Acácio Sobral. Em 2000, participou de oficinas de gravura e xilogravura, além de workshops de esculturas no Instituto de Artes do Pará (IAP) Em 2002 foi o 1º colocado no Salão Primeiros Passos, do Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU).

A minha pintura surge numa superfície aparentemente imantada, dura, acinzentada, como são as paredes revestidas de cimento na periferia das grandes cidades, e tem ao centro a personagem do bandido que tanto povoa o imaginário da arte na contemporaneidade, basta lembrar a caixa “Homenagem a Cara de Cavalo” (1965-1966), de Hélio Oiticica, feita para celebrar Manoel Moreira, o Cara de Cavalo, que participa da ação que resulta na morte do policial Milton Le Cocq, que acaba sendo vingado por um grupo de policiais responsável pela criação do grupo de extermínio “Esquadrão da Morte”. No meu caso, a pintura expressa a condição do marginal que por ter assassinado um policial, tatua no corpo a imagem de um palhaço, sendo que, ele mesmo torna-se palhaço, como se tivesse que se explicar no próprio corpo. Vi tal conexão expressa algumas vezes no corpo de conhecidos meus que, invariavelmente, tendo assassinado um policial, tiveram mortes atroz. A pintura tenta dar conta de um aspecto do relato violento da minha vivência como morador de um território periférico da cidade de Belém, onde legalidade e ilegalidade, bandido e mocinho convivem ao mesmo tempo no amplo e estreito espaço do estado de direito e da produção de morte.



SEM TÍTULO
2017
Acrílica s/tela
110 cm x 100 cm

PEDRO PAULO GOES CONDURU (Belém-PA, 1958)

Autodidata, iniciou carreira artística influenciado pelos trabalhos de Van Gogh, Lautrec, Picasso e Rousseau. Em 1978 fez oficinas de litografia, cartum, quadrinhos e desenho livre, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Morou em São Paulo em busca de novas expressões, linguagens, trabalhando com lixo urbano e industrial. Desenvolveu conhecimento em softwares, empregando-o em confecção de gravuras eletrônicas, vídeos, artes gráficas, músicas e outras interferências sempre norteadas pela crítica sociopolítica, pelo erótico, pelo mistério, pelo sagrado. Montou a mostra individual, À Luz do Sol, com 146 obras do próprio acervo e de particulares, fazendo um recorte de 30 anos; além disso, editou e publicou o livro e DVD, P.P. Condurú – Mostra 30 Anos.

Nessa época eu tinha umas broncas com Belém. A Belém provinciana. Como eu tinha acabado de vir do Rio, estudado no Parque Lage esbarrei no provincianismo. Eu tinha ido para o Rio para fugir desse aspecto provinciano. Minha bronca com o fato da arte, pintura ser uma coisa erudita, para intelectual. Ou você ou pintava paisagem ou era intelectual. Eu pintei nessa fase, de 1981 até 1984, uma série intitulada “Para tocar no rádio”, onde eu inseria letra e música nos desenhos. A intenção era trazer um lado mais popular para as obras, diferente do que era apresentado nas galerias. Dentro dessa série, surgiu a fase sexual, que foi bem rápida. Belém é muito sexual e ao mesmo tempo muito hipócrita. E muito liberal também. Não tinha internet nessa época, só tinha revistas de sacanagem. Então eu fiz os desenhos, sem nada muito explícito, apenas sugestões. E assim fiz minha primeira individual na Elf Galeria. O Gileno viu esses desenhos, curtiu bastante e colocou lá. Foi uma fase pequena, são cerca de 20 desenhos no máximo. As pessoas entravam e viam toda a galeria, mas não viam o meu trabalho. Ficavam paradas olhando para um quadro de luz que havia na galeria e olhavam de rabo de olho para os desenhos.



DO INCÊNDIO DA PÁGINA AO OLHO DA MORAL. FASE SEXUAL, LEVA DESENHO RASGADO
1982
Pastel e lápis de cor s/papel
35,5 cm x 30 cm

rafa
matheus
moreira

RAFA MATHEUS MOREIRA MONTEIRO (Belém-PA, 1996)

Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará. Artista Plástica, Arte-Educadora e Pesquisadora em Artes Visuais, Pintora e Performer. Desenvolve trabalhos poéticos a partir de suas vivências e reflexões sobre o atrito entre os corpos LGBTQIA+ com a sociedade, abordando identidade e suas relações históricas e sociais onde corpos e rostos são símbolos centrais nesta pesquisa. Em 2020 foi selecionada no Edital Emergencial Arte Como Respiro – Artes Visuais – do Itaú Cultural. Em 2019 foi premiada em 1º lugar na 28ª Mostra de Arte Primeiros Passos, organizada pelo Centro Cultural Brasil – Estados Unidos.

Essa obra surge a partir de uma proposta mais comercial do meu trabalho enquanto artista visual, iniciada pela exposição coletiva Mesa Posta, realizada no Espaço Cultural Candeeiro. Ao pintar os meus trabalhos em pratos, eu gosto de pensar um pouco sobre como será a comercialização dessas obras, o mercado de arte e como será degustada pelos compradores e pelo público. Essa obra foi baseada em uma releitura de outra obra minha, chamada O nascimento das Tupiniquins – Felisa.

Rafa Matheus Moreira (Nov/21)



O NASCIMENTO DAS TUPINQUINS - FELISA
2020
Acrilica s/ cerâmica
28 cm Ø

RAONI PAIVA GODINHO (Belém-PA, 1985)

Fotógrafo parceiro da rede Slow Food Internacional e ONG Iacitató – Amazônia Viva. Mestrando em Design e Cultura Visual pelo IADE – Universidade Europeia Lisboa. Foi premiado no World Water Day 2012 (Nova York); O fim dos clicks? (Museu da Imagem e do Som - Campinas-SP). Teve fotografias selecionadas no Salão Nacional de Fotografia Pérsio Galembeck, Salão Nacional de Fotografia de Araraquara, Selo comemorativo dos Correios aos 400 anos de Belém; ECOfoto 2017: Vivências e experiências profissionais nas áreas de Ciências Humanas e Sociais (RJ); Foto Kariri 2019; Concurso Sesc – Imagens Cotidianas 2020 e Concurso Photo Nature Brasil 2020, além de imagens em diversas publicações.

Cada imagem produzida tem seu próprio universo de significados e significantes,
também tem suas histórias secretas.

Carambela, de Rao Godinho, nasce de uma viagem de 16 horas de barco, um banho de rio, histórias e trocas. Pode-se perceber que a infância Amazônica, entre indígenas e ribeirinhos, molda o seu olhar. Carambela, além de um lindo e preciso registro de um instante entre o impulso, suspensão no ar e abraço das águas, é também o registro de si, do que há de essencial do fotógrafo. Também é germinal da ética do afeto e afetar-se no trabalho de Rao. Ele não só observa a cena, distante ou pseudo imparcial, ele incide sobre a cena porque ele é a cena. Partindo desta obra produzida antes de equipamentos ou cursos, e ainda assim multipremiada, Rao se deixou inundar por essa potência criativa, mostrando que o encontro de seu eu-ribeirinho com o mar-mundo transpõe a alma para a imagem se sobrepondo a qualquer técnica.

Izabella Cavalcante (s/d)



CARBELA

2011/2021

Fotografia. Impressão com pigmentos minerais s/papel Hahnemühle Rag 308g - 03/05 + 2 P.A.

60 cm x 90 cm

roberto de la rocque soares

ROBERTO DE LA ROCQUE SOARES (Belém-PA, 1924-2001)

Formado em Engenharia Civil (1949) e Arquitetura (1966), além de sua produção artística, foi também pesquisador da Arquitetura paraense. Exímio desenhista e produtor de caricaturas.. Foi o responsável, entre 1972 e 1975, pela primeira restauração do Palácio Lauro Sodré, atual Museu Histórico do Estado do Pará. Concomitantemente, participou em 1974 do primeiro curso de especialização em “Restauração e Conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos” no Brasil, realizado na FAU-USP em parceria com o IPHAN. Como artista plástico, foi pioneiro no Abstracionismo paraense e destacado aquarelista, embora circulasse pelas técnicas do óleo, colagem, gravura, escultura em madeira, gesso e pedra, entre outras.

Em suas obras, nunca deixou de lado a interpretação da alma humana, especialmente nas aquarelas delicadas que denunciam a decadência do patrimônio arquitetônico do Mercado de São Braz, do Casario do Boulevard Castilhos França ou do Porto do Sal. A referida obra faz parte de uma série de aquarelas, intitulada Arquitetura do Limo.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21)



SEM TÍTULO
1996
Aquarela
31 cm x 21 cm

ronaldo
moraes
rêgo

CARLOS RONALDO CARDOSO DE MORAES RÊGO (Belém-PA, 1956)

Formou-se em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará, onde fez parte do quadro docente da Faculdade de Artes Visuais. Participa de exposições desde 1977, tendo recebido vários prêmios nacionais em sua carreira. Estudou gravura com Valdir Sarubbi e Evandro Carlos Jardim. Em seus trabalhos, utiliza Gravura, Pintura e Objetos com o mesmo perfeccionismo. A elegância no traço e uma estética pessoal imprimem às obras a assinatura de um artista que tem sua percepção voltada para elementos da natureza, de onde abastece a sua inspiração e para onde dirige o olhar do espectador.

Material e florestal é a arte de Moraes Rego – arte de representação da matéria e da madeira, a relembrar a origem remota das duas (a ideia geral de matéria veio de 'madeira da floresta', hyle em grego, de onde hileia) e a afinidade que têm com os materiais primitivos (tecidos, talas, argila). Réplica da Natureza e do trabalho artesanal, essa arte realiza-se, porém, sinal de sua originalidade, mediante um modo de visualidade técnica, o da câmara fotográfica. Pois que fotográfica, no sentido exploratório e não reprodutivo, é a perspectiva de aproximação que enquadra em primeiro plano, de maneira a obter a nota de surpresa perceptiva, como meio de distanciamento estético, detalhes e objetos parciais de objetos comuns e familiares. Mas o ponto de vista da câmara utilizado enquanto mediador da visualidade plástica adere aqui, também, a um tipo de imaginação tátil, próprio da prática artesanal, de que deriva a presença palpável das formas – produtos da intertroca do olhar e do movimento das mãos, como se manipuladas pela visão e vistas manualmente.

Benedito Nunes, texto de apresentação em Funarte (1982)



SEM TÍTULO
1987
Mista s/papel
21 cm x 15 cm

ROSÂNGELA MARQUES DE BRITTO (Belém-PA, 1965)

Artista Plástica e Pesquisadora. Doutora em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação: Ensino Superior e Gestão Universitária pela UNAMA. Graduada em Arquitetura pela UFPA. Exerceu o cargo de Diretora da Faculdade de Artes Visuais (2014-2016). Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes do ICA/UFPA e do Mestrado Profissional. Atuou como diretora do Museu de Arte de Belém da Fundação Cultural do Município de Belém (1996-1997). Exerceu o cargo de direção no Museu do Estado do Pará e do Sistema Integrado de Museus e Memoriais da Secretaria Executiva de Cultura do Estado do Pará (1998 a 2006).

A obra sem título, acrílica sobre tela, da década de 1990, faz parte da série de trabalhos neo-expressionistas da artista, que trata nesse período da representação plástica de figuras femininas em seus interiores domésticos, retratos de famílias ou centrado na figura humana feminina e seus fantasmas. A paleta de cores intensa, contraste de cores complementares e primárias, composta por uma vigorosa pincelada, representa uma figura feminina distorcida e brinquedos numa caixa, destaque a boneca, máscara. As manchas e texturas de cores são marcadas por pinceladas rápidas e sinuosas e espatulada.



SEM TÍTULO
1990
Acrílica s/tela
90 cm x 80 cm

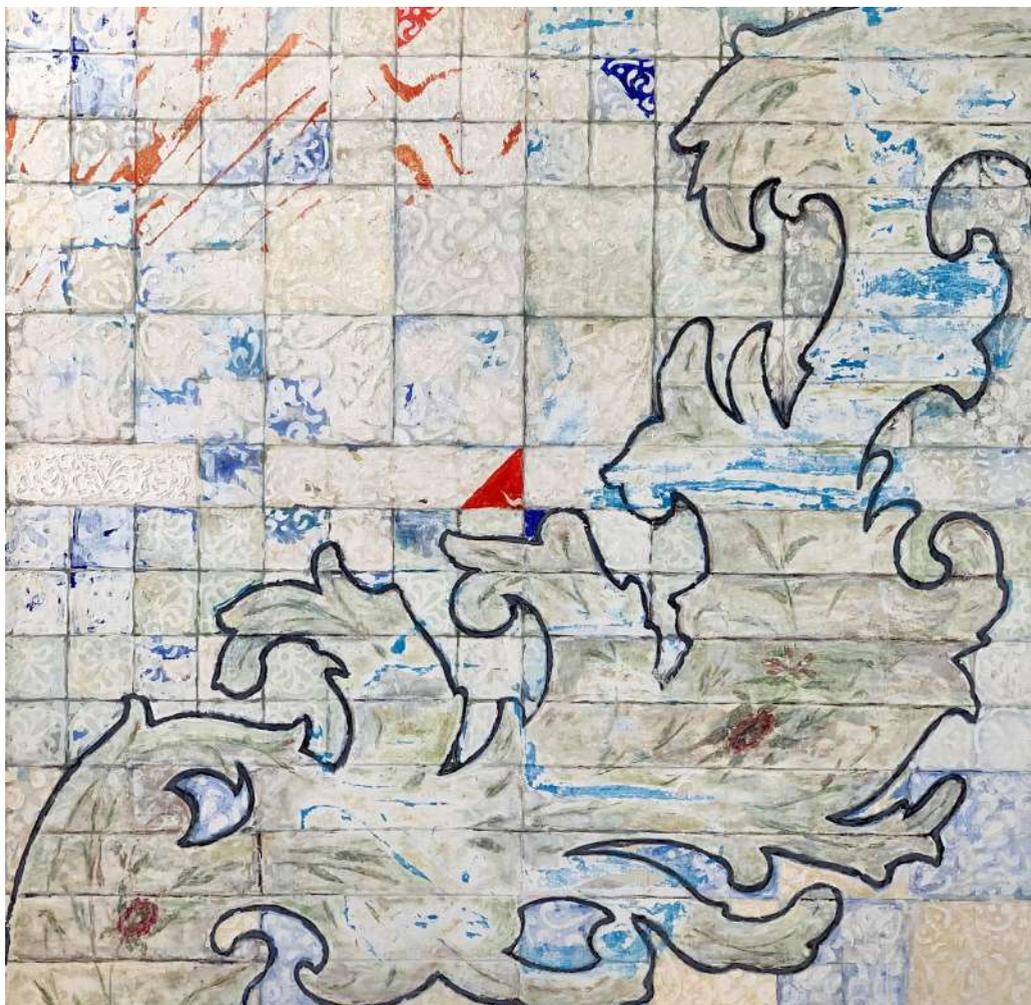
ruma de albuquerque

RUI MARIO CRUZ DE ALBUQUERQUE (Belém-PA, 1956)

Arquiteto. Pós-graduado em Marketing pela FGV. Coursou a Escola de Artes Visuais no Parque Lage (RJ). Participou de Salões e coletivas no Brasil e exterior, incluindo o Projeto Macunaíma FUNARTE/RJ e Evidências, na Kunsthaus, Wiesbaden-Alemanha. Prêmios de aquisição no V Salão da Ferrovia, Rio de Janeiro-RJ (1987); no XII e no XXV Salão Arte Pará (1993 e 2006) e no V Salão UNAMA de Pequenos Formatos, Belém-PA (1999) e Grande Prêmio no X Salão UNAMA de Pequenos Formatos (2004). Participou como convidado no XXVII Salão Arte Pará (2008) e XXX (2011). Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística, Instituto de Artes do Pará (2010). A principal vertente de sua obra é a pintura, com incursões no objeto, desenho, ilustração e gravura digital.

Nesse trabalho contei com a jeito típico amazônica de se construir no tempo da tranquilidade. Foi desenvolvido conforme eu encontrava atributos que achasse adequados de serem inseridos na sua visualidade. Procurei me utilizar do que chamo de sobras de outros trabalhos. Como pinto transferindo imagens elaboradas em películas de plástico para depois colá-las na superfície da tela, sempre ocorrem acidentes, onde parte dessas imagens não são transferidas 100% para a tela pretendida. Assim, alguns vestígios (as sobras) de outros trabalhos se juntaram para compô-lo. Lembra imagens urbanas onde vemos em seus muros várias camadas de pichações. Alguns rastros que incluí foram pintados de maneira acadêmica para deixar marcas mais propositais.

Ruma de Albuquerque (Nov/21)



VESTÍGIOS
2009/2010
Mista s/ tela
120 cm x 120 cm

RUY AUGUSTO DE BASTOS MEIRA (Belém-PA, 1921-1995)

Ceramista, desenhista, engenheiro, escultor, pintor e professor de artes plásticas. Em 1944 fez a primeira exposição no V Salão Oficial de Belas Artes, do governo do estado, em dez anos após, junto com outros artistas, foi responsável pelos primeiros trabalhos abstratos registrados no Pará. Ele iniciou a carreira com a pintura, mas também atuou na gravura, desenho, escultura em cerâmica - na qual se notabilizou - e, ainda, fez incursões na poesia. Ruy Meira participou de várias mostras individuais e coletivas, foi curador, dono de galeria e atuou em júri de premiações.

A cerâmica conscientemente assumida enquanto tal começou para Ruy em 1958.

Foi quando surgiu a primeira peça influenciada por um livro de arte indígena entre tribos da Austrália-Oceania, por ele então comprado e até hoje conservado.

Depois não continuou.

“...a cerâmica é trabalhosa, requer uma mão-de-obra muito grande. Todo instante você vai ter que buscar argila, preparar, deixar ela passar dois ou três dias até - como chamam - “dormindo”. Depois preparar a peça com rolinho, como eu faço; rolinho por rolinho; pintar essa peça; fazer os desenhos que tem que fazer, pintar, depois queimar...”

Em 1982, passeando por uma praia em Mosqueiro, Ruy encontrou uma argila vermelha, meio rosa, bonita.

“E argila quando é bonita a gente tem vontade de comer; pegar a massa com vontade de botar na boca e mastigar”.

Foi aí que resolveu reiniciar, fazendo umas peças pequeninas, segundo ele “mal feitas”, mas que ainda guarda como lembrança do “reencontro”.

Assim aconteceu com a cerâmica de Ruy. As formas foram saindo do amadurecimento de umas e outras, um sistema de geração vertical e horizontal, fruto de ocorrências sucessivas, confirmando fato de que inspiração só vem para quem trabalha.

Deste procedimento resultaram umas 200 peças (em menos de dois anos de produção!), todas com formas diferentes umas das outras. Por sinal, a não repetição das formas, é uma das características marcantes da cerâmica de Ruy Meira.



SEM TÍTULO
1983
Cerâmica - peça única
10 cm x 13 cm x 13 cm

sérgio
neiva

REGINALDO SÉRGIO FIUZA DE MELLO NEIVA (Belém-PA, 1969)

Artista plástico. Formado em Arte - Educação e Habilitação em Desenho pela UNAMA. Atua há mais de 20 anos com produção visual. Por dois anos consecutivos (95/96), ganhou o Prêmio Pintura, ofertado pelo Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU). Participou de salões e exposições coletivas em diversos estados brasileiros.

Nesta série, os desenhos/pinturas desenhos revelam uma existência do ser humano e seus dramas contemporâneos, buscando uma construção intuitiva da forma (homem) e suas fraquezas e virtudes.

Sérgio Neiva (Nov/21)

SEM TÍTULO
2005
Mista s/papel colado em placa
30,5 cm x 11 cm (cada)



simões

JOSÉ AUGUSTO TOSCANO SIMÕES (Belém-PA, 1958)

Surgiu como artista na segunda metade dos anos 1970, mas é nos anos 1980 que ele se destaca, ao lado de P.P. Conduru e Marinaldo Santos, entre outros artistas de sua geração. É um dos artistas mais premiados, por exemplo, no tradicional Salão Arte Pará. Foi criador do Café Imaginário, um bar temático em artes visuais, que diversas vezes abrigou exposições de P.P. Conduru e de novos artistas como Paulo Tarcísio Ponte Souza, entre outros.



SEM TÍTULO
1982/1983
Lápis e Pastel s/papel
33 cm x 48 cm



SEM TÍTULO
2008
Mista s/papel
65 cm x 50 cm

Quando se é artista, uma das vantagens de envelhecer está no fato de vez ou outra ser confrontado com obras que resgatadas agora parecem como cápsulas do tempo a revelar uma miríade de impressões subjetivas que dormem sobre as bordas, sob as dobras, entre luzes e sombras. Essa experiência tem sido constante e enriquecedora por conta do empenho da pesquisadora Vera Pimentel que, imbuída do espírito de "arqueóloga", me brinda com sucessivas descobertas as quais dispostas em uma linha do tempo ajudam a cartografar os caminhos que trilhei sobre a terra, tendo em mãos apenas lápis, papéis, pincéis e tintas. Esse trabalho, de 2008, tem características quase sempre presentes em minha obra, principalmente quando é a figura humana que está "em cena" para "contar uma história" a qual, não tendo início, nem meio, nem fim, prestasse ao papel de um roteiro subjetivo revelado pelas relações amistosas ou conflituosas entre as cores, pelos movimentos graciosos ou bizarros dos corpos, pelas proporções dissonantes que assumem e pela atmosfera de sonho entre sombras e luzes. Às vezes me ocorre que um trabalho como esse é um convite para viver uma pequena experiência que alguém teria ao olhar por uma fresta um momento que parecia existir apenas na intimidade dos atores "fora de cena".

sinval
garcia

SINVAL COELHO GARCIA (Gabriel Monteiro-SP, 1966 - São Paulo-SP, 2011)

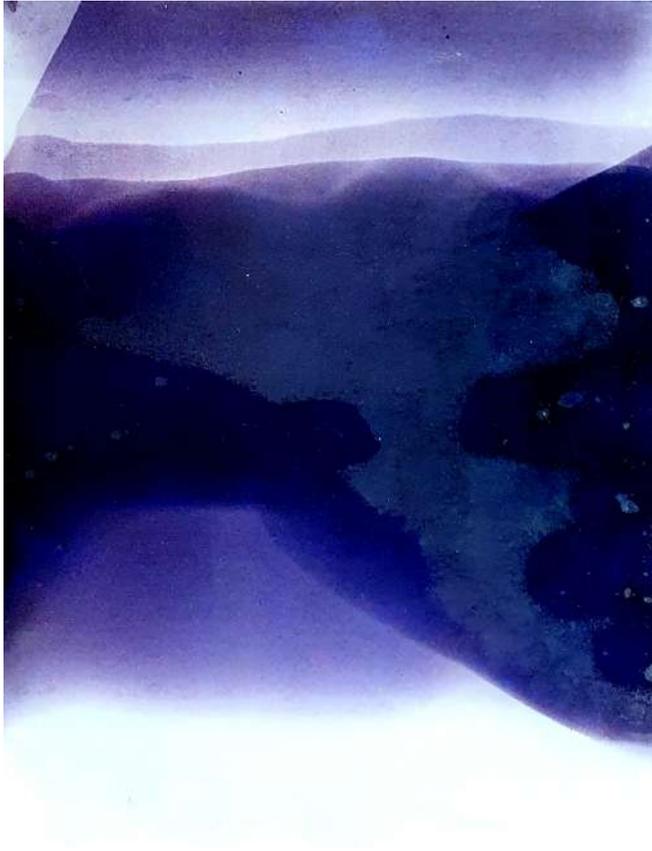
Artista visual, natural de São Paulo, viveu de 1992 a 1999 na cidade de Belém do Pará, onde desenvolveu produção autoral. Além de artista visual, era desenhista, arte-finalista, modelo, decorador, cenógrafo, designer, fotógrafo, laboratorista e professor. No período em que residiu na capital paraense, colaborou com o Núcleo de Imagens - Caixa de Pandora, grupo composto por Orlando Maneschy, Cláudia Leão, Flávia Mutran e Mariano Klautau Filho. Suas três principais exposições nesse período e posteriormente, foram Samsara (1997) e Paisagens In-visíveis (2005), realizadas na Galeria Theodoro Braga, e a exposição A Câmara da Transmutação Secreta (2009), realizada no Espaço Cultural Banco da Amazônia.

Com o desenvolvimento do projeto Paisagens In-visíveis (apresentado em conjunto, durante sua vida, no Salão Nacional de Arte de Goiás – 1º Prêmio Flamboyant, Goiânia/GO, 2001; na Galeria SESC Avenida Paulista, São Paulo/SP, 2002; Galeria Theodoro Braga/SECULT, Belém/PA, 2005; além de determinadas imagens da série mostradas isoladamente em mostras coletivas), o artista propõe uma reflexão a partir da manipulação em laboratório de químicos fotográficos e da luz sobre o papel fotossensível para construir paisagens ficcionais, imagens subjetivas, buscando, após sua criação, referenciais presentes na geografia.

Cinthya Marques do Nascimento, Sinval Garcia: um artista contemporâneo na confluências entre linguagens (2015)

“... o artista elabora imagens em laboratório utilizando química diretamente sobre o suporte fotográfico, criando paisagens com montes, lagos, platôs e colinas. Depois de prontas, o artista buscou seus duplos na realidade, em atlas e guias, apresentado-as com placas indicativas do lugar encontrado”

Orlando Maneschy, Sequestros: Imagem na arte contemporânea paraense (2007)



SERRA DA MANTIQUEIRA - BRASIL, SÉRIE PAISAGENS IN-VISÍVEIS
2005
Fotografia
26 cm x 21 cm

tadeu
lobato

JOSÉ TADEU GONÇALVES LOBATO (Belém-PA, 1959)

Pintor e desenhista. Estudou pintura clássica com Eloy Silva e pintura moderna com Dionorte Drumond Nogueira. Neste período, produziu utilizando pincel e espátula, sendo reconhecido por sua técnica nas diversas exposições que participou. Dentre suas principais exposições individuais estão: Leopardo (2010), Desenhos assombrados (2012), Odd Norten e Outras Observações (2013), O Gabinete Amazônico de J. Alfred Prufrock (2018), O éter e a pedra (2018), e Unheimlich: O Silêncio geométrico da casa (2021).

Esse trabalho faz parte de uma série de 2004, intitulada "A cidade e as estruturas invisíveis". É uma extensão dos trabalhos iniciados nos anos 90, os "Edifícios".

São estruturas, arquiteturas ósseas, pinturas sobre papel utilizando espátula e, com isso, subvertendo a técnica. É como uma impressão e quase monocromática.

Tadeu Lobato (Nov/21)



SEM TÍTULO, SÉRIE A CIDADE E AS ESTRUTURAS INVISÍVEIS
2004
Mista s/papel
32 cm x 21 cm

VALDIR EVANDRO SARUBBI DE MEDEIROS (Bragança-PA, 1939 - São Paulo-SP, 2000)

Pintor, desenhista, gravador, artista visual, professor. Em 1962, graduou-se em direito, e, entre 1969 e 1970, frequentou faculdade de arquitetura, ambas em Belém. Em seus trabalhos, aparecem aspectos culturais da Amazônia e da paisagem da região. Nos anos 70 desenvolveu a série Meditação Labiríntica, composta por desenhos que formam labirintos coloridos, semelhantes ao estilo da cerâmica marajoara. Realiza trabalhos com base em fotografias aéreas da selva amazônica, e na série Memoriae, apresenta obras abstratas relacionadas à representação do rio. Em 1993, monta no Deutsche Welle, em Colônia, Alemanha, a instalação Xumucuis, composta por bastões que produzem ruídos ligados à sonoridade da água.

Valdir Sarubbi iniciou sua trajetória artística nos anos 70, momento onde desenvolveu a série intitulada Meditação Labiríntica, apresentando trabalhos com formas de labirintos, remetendo aos desenhos e traços das cerâmicas marajoaras. Posteriormente, as formas foram sendo moldadas, assumindo a sinuosidades dos rios amazônicos e seus afluentes. Outros elementos foram sendo agregados às pinturas e gravuras, como muiraquitãs, tangas marajoaras, amuletos, flechas, dentre outras simbologias desse inventário amazônico.



SEM TÍTULO
1982
Gravura em metal 2/15
23 cm x 18 cm

WALDONEIDE GARCIA MARQUES (Belém-PA, 1963)

Começou a trajetória profissional fazendo maquiagem para teatro, televisão e estúdio fotográfico. Começou a fotografar em 1989, depois de participar das oficinas de Miguel Chicaoka. Em 1992, em parceria com Octávio Cardoso, abriu o estúdio WO, explorando retratos, fotonovelas e colagens com fotografias e ilustrações. Conquistou prêmios no Salão de Fotografia do CCBEU, em Belém (1997), no projeto Abra/Coca-Cola, em São Paulo (1998) e no Salão de Arte do Pará (1997 e 2000). De 2005 a 2010 ficou à frente do Espaço Cultural Taberna São Jorge, local de vários lançamentos artísticos. Foi artista homenageada no 28º Arte Pará (2009). Recebeu em 2013 a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura. Tem seis publicações de artista, entre elas, as fotonovelas O Homem do Central Hotel e A Iludida.

'Corpo Fértil' é um trabalho que a artista começou a fazer com mulheres erveiras do Ver-o-Peso. Mística desde criança, Walda acredita que a arruda é uma erva para ser colocada na frente da sua casa a fim de que a planta, como um escudo, absorva toda a descarga de inveja. Caso isso ocorra, o vegetal murcha imediatamente. Assim, a arruda é o escudo sagrado que guarda o peito e todos os sentimentos do ser humano que ali estão. Do Corpo Fértil tudo pode brotar. Essas plantas brotam para proteger da inveja, do mal olhado e de tudo que é ruim.

Fruto de uma viagem para Cuba em 2008, 'A Cubana' faz parte da série 'Românticos de Cuba'. Walda fotografou esta moça esperando o ônibus no centro de Havana e prendeu-se a cada detalhe do contexto que a cercava. O improvisado bob de cabelo com um cano é reflexo da realidade sofrida da moça. Apesar disso, ela não perde a alegria e o amor pela música, características do povo cubano. A parede azul ao fundo é um pedaço da rica e bela arquitetura de Havana. A moça tem uma letra M nos brincos, portanto Walda não sabe se o nome dela é Mara, Maria, Mariza, ... Para Walda, esta foto é poesia, é um desenho de Cuba, um cartão postal não-turístico. É o desejo de querer voltar a um dos lugares mais maravilhosos do mundo.



O CORPO FÉRTIL/ ARRUDA

2017

Fotografia. Impressão jato de tinta com pigmentos naturais
50 cm x 70 cm

CUBANA, SÉRIE ROMÂNTICOS DE CUBA

2008/2020

Fotografia. Impressão jato de tinta com pigmentos naturais
50 cm x 70cm



walter bandeira

WALTER BANDEIRA GONÇALVES (Belém-PA, 1941 - 2009)

Cantor, locutor, pintor, professor e ator brasileiro. Bacharel em Filosofia e poliglota em francês, surgiu no cenário cultural paraense na década de 60. Começou sua vida artística cantando em uma boate no fim da década de 1960 e acompanhou o início da carreira de cantoras como Jane Duboc e Leila Pinheiro. O projeto “Walter 75” buscou homenagear postumamente as diversas facetas do artista em uma série de eventos.

Walter foi uma artista de múltiplas facetas, além de cantor de uma voz única e poderosa, foi ator, professor, locutor, escritor e pintor. Falecido em 2009, sua obra permanece.

No entanto, a veia de pintor não foi tão conhecida do grande público. Essa aquarela fez parte de uma exposição póstuma, ocorrida no Museu da UFPA, que mostrou diversas obras do artista que estavam guardadas durante anos. Dessas obras, diversas aquarelas demonstram formas humanas, algumas entrelaçadas ou solitárias e representam toda a sensibilidade desse grande artista.

Eduardo Vasconcelos (Nov/21)



SEM TITULO
1993
Aquarela
16 cm x 23 cm

zoca

JOSÉ FERNANDES FONSECA NETO (Belém-PA, 1975)

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Design de Mobiliário pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Gerenciamento e Gestão da Qualidade na Indústria da Construção Civil pela UFPA. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Entre 2001 e 2010 foi professor da Universidade da Amazônia nos Cursos de Bacharelado em Moda, Design de Interiores e de Arquitetura e Urbanismo e professor do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia, no curso de Arquitetura e Urbanismo. Atua no campo do Design e desenvolve projetos e exposições em Artes Visuais, coletivas e individuais, em Belém e outras cidades do Brasil.

O homem adere à noite. Astros, espaço, ossos e carne de matéria-tinta. Se agiganta, se desfaz... permanece?
Esta tela compõe uma série de pinturas de figuras humanas de grandes formatos, produzida entre 2014 e 2015, que chamei de Tempo Gravado.

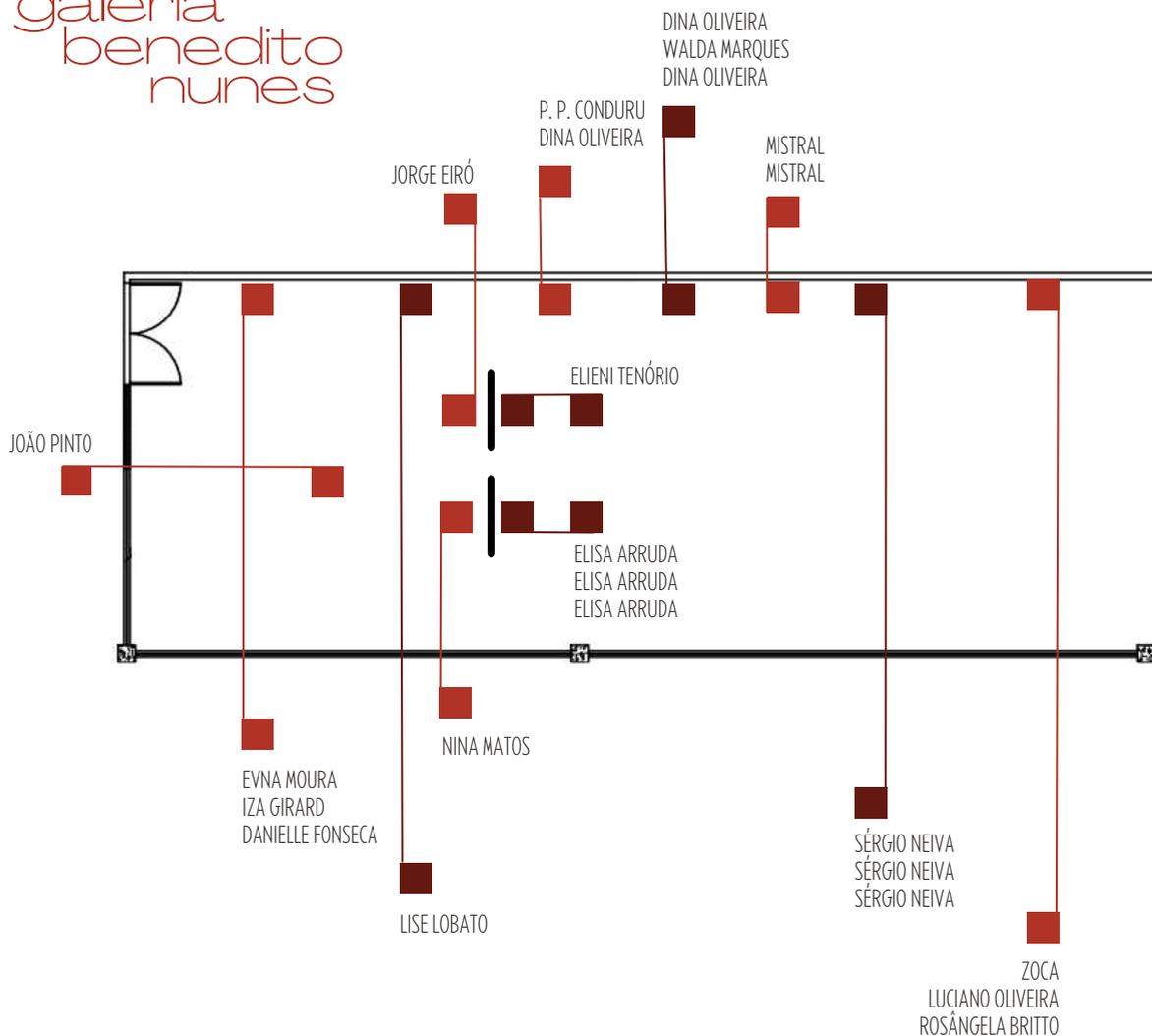
Zoca (Nov/21)

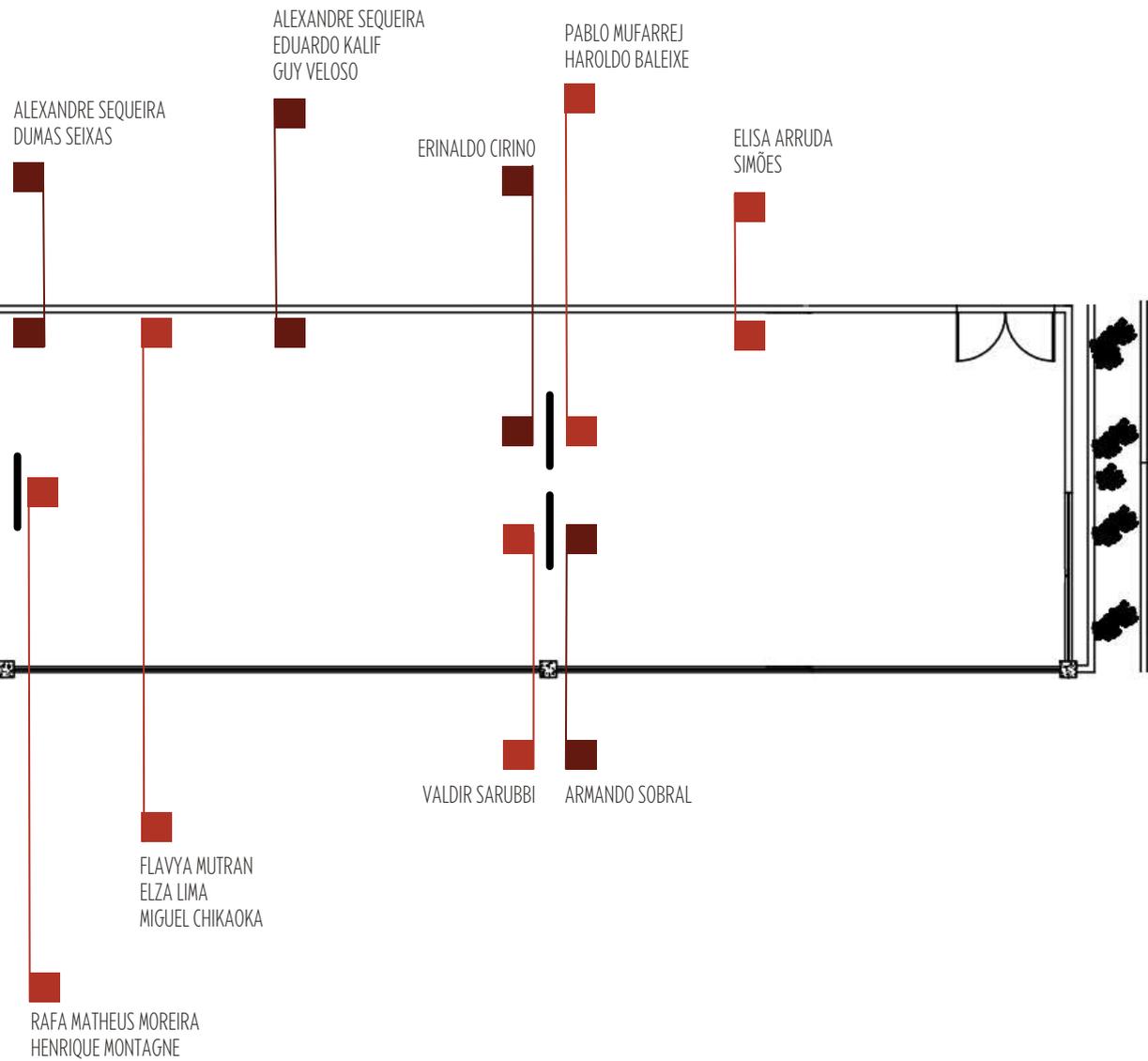


SEM TÍTULO
2015
Acrilica s/tela
160 cm x 78,5 cm

as
galerias

galeria
benedito
nunes

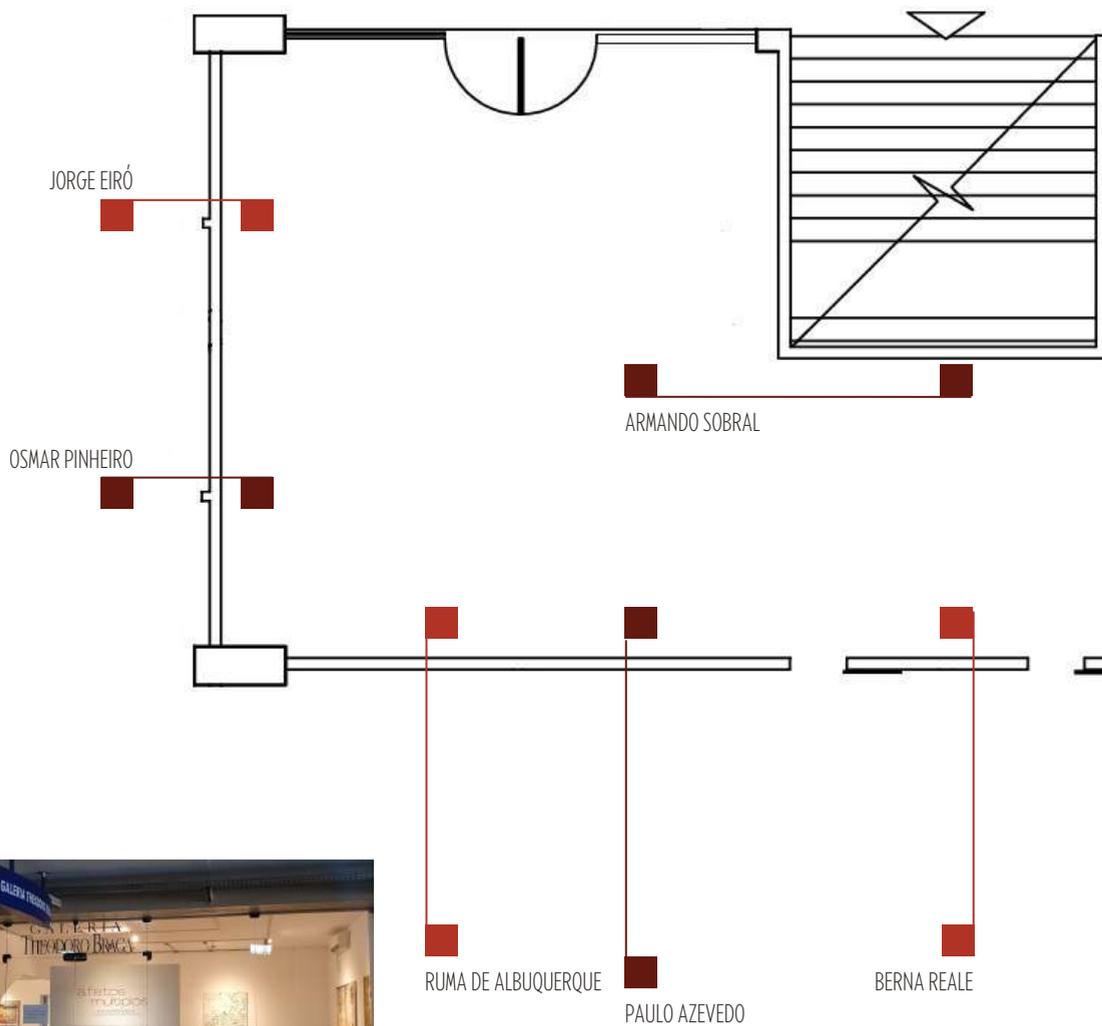


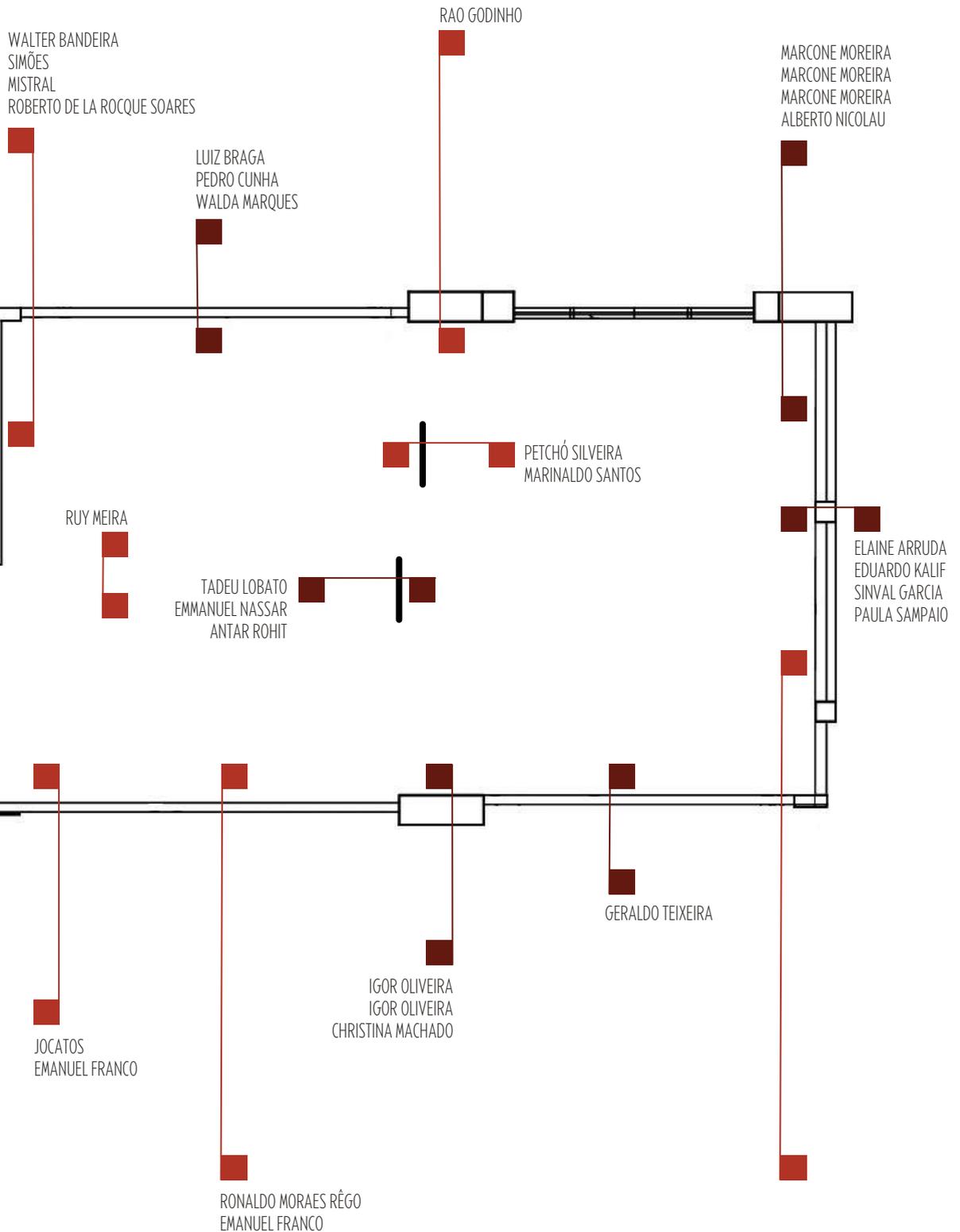






galeria
theodoro
braga









GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
Governador: Hélder Barbalho
Vice-governador: Lucio Vale

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ
Presidente: Guilherme Relvas
Diretora de interação cultural: Cláudia Pinheiro

GALERIA BENEDITO NUNES
Gerente: Fabiola Feio
Equipe: Eliane Moura, João Paulo do Amaral,
Renato Torres
Estagiários: Adriana Moura, Camilla Jacob, Laís Cabral e
Janieire Mota

AGRADECIMENTOS
Aos artistas participantes da exposição
Aos patrocinadores e apoiadores
Ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Unifamaz e aos
monitores (discentes) do curso



aponte a câmera do seu celular para cá
e leia a versão completa deste catálogo,
com mais páginas

 www.revistadesign.com

 @design.comrevista
 @lcfcomunicacao
 @coleccioneduardovasconcelos

CATÁLOGO AFETOS MÚLTIPLOS

PROJETO GRÁFICO
Eduardo Vasconcelos e Luiz Cláudio Fernandes

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Vasconcelos e Luiz Cláudio Fernandes

FINALIZAÇÃO
Ewerton Gomes

CURADORIA
Vânia Leal Machado

FOTOS
Eduardo Vasconcelos

CAPA
Jorge Eiró . Casa Coração . 2011

IMPRESSÃO
Gráfica Halley

TIRAGEM
2.000 exemplares

EXPOSIÇÃO AFETOS MÚLTIPLOS

REALIZAÇÃO
Revista Design.com
LCF Comunicação
Coleção Eduardo Vasconcelos

CURADORIA
Vânia Leal

MONTAGEM
Marcelo Lobato

ILUMINAÇÃO
Marcelo Lobato

ASSESSORIA DE IMPRENSA
LCF Comunicação

Realização

DESIGN.COM

 Luiz Cláudio Fernandes
Comunicador

EDU
AR
JO
VAS
CONI
CE
LOS

COLEÇÃO DE ARTE

Apoio



Benedito Nunes
GALERIA BENEDITO NUNES

Theodoro Braga
Galeria Theodoro Braga



Via Resto do Porto

Patrocínio

IPOG
INSTITUTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
E GRADUAÇÃO

maxcolor

SR
SIERRA
MÓVEIS

CASA
BRASILEIRA
MÓVEIS PLANEJADOS

GPD Grupo
Paranense
de Decoração

Trilho **Suisso**

HONG
DECOR


Studio Tintas

